



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia

A CIDADE DE BRASÍLIA, SUA IMAGEM MIDIÁTICA E IMAGINÁRIOS

Ricardo Ramoni Damasceno Bezerra

Brasília – Distrito Federal
Dezembro - 2017



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia

A CIDADE DE BRASÍLIA, SUA IMAGEM MIDIÁTICA E IMAGINÁRIOS.

Ricardo Ramoni Damasceno Bezerra

Monografia apresentada ao Departamento de
Geografia da Universidade de Brasília como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof.Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho

Brasília – Distrito Federal
Dezembro - 2017



Ricardo Ramoni Damasceno Bezerra

A CIDADE DE BRASÍLIA, SUA IMAGEM MIDIÁTICOS E IMAGINÁRIOS.

Monografia apresentada ao Departamento de
Geografia da Universidade de Brasília como
Requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Geografia.

Banca examinadora

Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho (Orientador) - GEA / UnB

Prof. Dr. Gloria Maria Vargas – GEA/UnB

Carla Gualdoni – Doutorando PPEEA/UnB

Aprovado em: / /2017

Brasília, Dezembro de 2017

Aos meus queridos professores que me despertaram amor pelo mundo acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento as pessoas que sempre acreditaram no meu potencial e sempre viram o melhor em mim, vocês são os motivos principais de tudo que sou hoje;

Um agradecimento ao Professor. Dr. Fernando Sobrinho pela orientação e paciência durante a realização deste trabalho. Além da atenção e disponibilidade para retirada de dúvidas;

E um agradecimento a quem me despertou pro maravilhoso mundo acadêmico: Erich Wolff.

RESUMO

O presente trabalho busca uma tentativa de construção das imagens e imaginários de Brasília com bases no cenário produzido e descrito pela mídia e através da vivência na cidade. Para isso é claramente necessário um resgate da história da cidade, da categoria de imaginário e de uma compreensão das imagens que foram pensadas, produzidas, articuladas e são utilizadas/ vinculadas em torno da cidade de Brasília, através de relatos de moradores do entorno, moradores do plano piloto, moradores de regiões administrativas e turistas nacionais. Dessa forma, paralelos podem ser traçados e possíveis desconstruções que busquem formas diferentes de se ver a cidade podem começar a ser alcançados.

Palavras-chave: Brasília. Imagem. Imaginário. Lugar

ABSTRACT

The present work seeks an attempt to construct the images and imaginaries of Brasília based on the scenario produced and described by the media and through the experience in the city. For this, a rescue of the city's history, of the imaginary category and of an understanding of the images that were thought, produced, articulated and used around the city of Brasilia, through reports of the inhabitants of the surroundings, of the pilot plan, residents of administrative regions and national tourists. In this way, parallels can be traced and possible deconstructions that seek different ways of seeing the city can begin to be achieved.

Keywords: Brasilia. Image. Imaginary. Place

LISTA DE MAPAS E FOTOS

FOTOS

Imagem 1: Brasília na época da construção – Fonte : wikipédia, 2017.....	36
Imagem 2: Eixo Monumental de Brasília – Fonte : wikipédia, 2017.....	40
Imagem 3: Vista aérea da praça dos 3 poderes – Fonte : wikipédia, 2017.....	41
Imagem 4: Diferentes cidades do DF – Fonte : Correio Braziliense, 2017.....	43

LISTA DE SIGLAS

DF – Distrito Federal

GDF – Governo do Distrito Federal

NOVACAP – Companhia Urbanizadora da Nova Capital

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

RAS – Regiões Administrativas

UNB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1: Cidade, Lugar, Paisagem, Imagem e Imaginário	16
1.1 Cidade: O palco principal da vida e a morada dos homens modernos.....	16
1.2 Uma aproximação da categoria geográfica de Paisagem.....	20
1.3 Símbolos e imagens.....	24
1.4 . A expressão do espaço geográfico em um cotidiano compartilhado.....	27
1.5 Uma elucidação da categoria imaginário.....	31
Capítulo 2 : Brasília : As bases de construção de um imaginário	34
2.1 Um resgate da história de Brasília.....	35
2.2 A dinâmica de produção de imagens sobre Brasília.....	37
2.2.1Cidade moderna e planejada.....	37
2.2.2 Centro do Poder.....	41
2.2.3Ilha da fantasia/desigualdade.....	42
2.3A mídia como divulgadora da Capital Federal.....	45
Capítulo 3 : Uma breve tentativa de construção / desconstrução de imagens e imaginários	48
3.1Sujeitos diferentes e suas abstrações imaginativas.....	57
3.2 Brasília e suas imagens integradas sob o mesmo eixo.....	58
3.3 Imagens lançadas a segundo plano.....	63
Considerações Finais	66
Referências Bibliográficas e Eletrônicas	68

Apêndice.....	71
----------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Podemos dizer que hoje é quase impossível se pensar um projeto, pesquisa ou trabalho de cunho acadêmico que não tenha uma importância social por trás. Seja qual for a produção que busquemos elaborar, é importante ter sempre bem clara essa noção de impacto social dos escritos.

Esse projeto não seria diferente. Ele contribui de forma significativa para que entendamos a história por trás de Brasília não só a posta no cenário mundial como uma cidade moderna, pensada e a frente de seu tempo, mas cheia de outras características, ou como gostam de dizer por aí, rótulos.

Quais são esses rótulos? Eles estavam nas intenções iniciais da Cidade? Eles continuam sendo os mesmos de algum tempo atrás? São questões como essas, muitas vezes jogadas de forma abstrata que dão norte a busca de respostas que esse projeto faz uma tentativa de resgate.

A justificativa mais clara de tal produção é a contribuição escrita nos estudos que versam sobre Brasília e sobre as questões inerentes a imaginários e imagem. Além disso, podemos de forma indireta citar as contribuições para possíveis buscas de compreensão da forma como Brasília é captada por cada um hoje.

O objetivo geral do trabalho é o um conhecimento dos elementos e da dinâmica por trás da formação dos imaginários de Brasília e de suas imagens amplamente reproduzidas pela mídia assim como uma busca de construção (reforço) e desconstrução dessas categorias.

Enquanto objetivos específicos, o trabalho se propõe a compreender a noção de imaginário; conhecer a história da cidade de Brasília; desenvolver uma tentativa de construção e desconstrução de imagens e imaginários criados pela mídia.

Por que Brasília tem imaginários tão bem definidos? Com base nessa pergunta podemos nos orientar nas suposições sobre sólidos caminhos que estão ligados à: I As imagens de Brasília vão além do que se foi pensado em seu projeto inicial; II As imagens são sempre construídas em eixos e categorias bem definidas; III A forma como Brasília é concebida e divulgada midiaticamente são fatores primordiais da formação de seus imaginários. É imprescindível que categorias, visões teóricas e posicionamentos componham toda a produção que se busca esse trabalho.

Como ferramentas cruciais na elaboração e busca do resultado final de tal projeto é imprescindível que busquemos as melhores formas de compreensão da forma como Brasília e

seu espaço são vividas ou compartilhadas por cada um. Assim, nos voltamos a uma categoria amplamente trabalhada pela Geografia: O lugar.

Entramos em sua pormenorização mais a diante, por hora é importante apenas citar que lugar abarca a melhor forma de compreensão dos imaginários que são formados por imagens dentro de cada um com relação ao espaço. Para que esse movimento de compreensão aconteça, iremos a campo com entrevistas semi estruturadas.

Tais entrevistas serão aplicadas em diversos grupos que partilham do cotidiano que Brasília fornece. São eles o morador de alto padrão do plano piloto, o morador das RAS (Regiões administrativas), o morador do entorno e o turista nacional que vem de outros estados. Por que se buscar vivências de estratos tão diversos? Ora, não seria lógico?

O morador de alto padrão, é antes de tudo um morador dessa cidade, e como morador ele é plenamente capaz de relatar um experiência de vivência que remonta toda sua vida, ou pelo menos, grande parte dela.

Podemos ver de um jeito muito claro a carga cotidiano ganhar contornos com uma margem de tempo bem considerável. Completamos isso com o fato dele ser um morador de alto padrão, ou seja, partilha de modos de vida nessa cidade que só sua camada pode usufruir.

Continuando nossa busca de compreensão de experiências possibilitadas por Brasília, os moradores das regiões administrativas e entorno vão continuar relatando suas experiências com anos de vivência esculpida, porém através de um cotidiano e uma concepção de lugar muito mais diferente.

Somente vivendo um dia a dia mais sofrido e muitas vezes mais difícil e afastado do centro de Brasília, aspectos que passam despercebidos no processo de formação de imagem que os moradores de alta renda partilham, podem ser vivenciados ou percebidos de forma muito mais latente por esses estratos, daí que o peso de seus relatos é extremamente importante para nossa busca.

Contudo, mesmo se planejando uma aproximação com moradores de Brasília, muitos outros pontos que se busca compreender vão passar despercebidos, por questões externas a tais moradores. Essas questões estão envoltas em algo que está muito claro no mundo do imaginário e da imagem.

Seria tolice falar que os moradores não têm imagens ou imaginários sobre Brasília, afinal a cidade é uma categoria “Lugar” vivida por cada um. A cidade é o palco de suas vidas e de onde todos os aspectos de sua vida presente se desenrolam.

Ter essa cidade como lugar é pressupor formas únicas de se expor e consumir essa cidade. Porém, precisamos de uma aproximação a questões que versem sobre formas de se ver a cidade e antes e posteriormente de estar imersa nela, e muitas vezes de forma contrastante a outras formas de cotidiano.

Com base nisso, passamos pro quarto grupo a ser entrevistado que se constitui por turistas. Turistas mesmo que de forma fugaz, vivenciam essa cidade e entram no jogo da dinâmica que se desenvolve aqui.

Porém, antes dessa vivência, Brasília era apenas um mundo imaginado permeado de sensações e abstrações imaginativas e ligadas a imagens. Sua presença física dentro do mundo real de Brasília é uma quebra e ao mesmo tempo um reforço a imaginários formados a priori. É isso que buscamos em relatos desses turistas.

Os turistas vão compor nosso grupo final que partilha de Brasília de forma diferente. De forma distinta dos Moradores do plano, RAS e entorno (partilham do cotidiano de Brasília de uma forma mais perene num tempo maior), os que vêm de outros Estados e estão na condição de turistas ou há pouco tempo em Brasília, viveram a cidade sempre dentro de um imaginário particular.

Chegar em Brasília é assim reforçar ou desconstruir aspectos muitas vezes fincados em sua mente, e ter um tempo maior de viver esse cotidiano e ter de forma mais clara o que realmente de constrói e se descontrói de forma mais objetiva.

Esses serão os 4 grupos que se observará na hora de se compreender como os imaginários e a imagem de Brasília são absorvidas e construídas por cada um. As entrevistas serão aplicadas de forma semiestruturada a cada participante. Ao todo, 80 entrevistas serão feitas, sendo 20 para cada estrato.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo versa sobre as categorias e conceitos em que se balizarão toda a produção feita neste trabalho. Conceitos como lugar, paisagem, espaço, imagem e imaginários e cidade serão elucidados e pormenorizados aos que esse trabalho buscar.

Seja qual for a produção acadêmica feita, seus conceitos iniciais precisam estarem claros quando correlações, inferências, análises e tentativas de explicações forem feitas, somente assim toda produção ganha forma em bases sólidas.

O segundo capítulo trará uma histórico sobre a cidade de Brasília, com sua história, dinâmicas e acontecimentos mais importantes. Com isso conseguimos situar o leitor no espaço vivo em que tais acontecimentos a serem analisados ganham forma.

Logo em seguida começamos a unir as categorias analisadas no capítulo 1 a cidade de Brasília e elucidar possíveis imagens que compõem o imaginário social envolto a cidade, assim com uma junção de informações e aproximações sobre tais imagens.

O terceiro capítulo está em sua totalidade construído sobre a busca de construções e construções de tais imaginários a partir das entrevistas feitas e imagens gerais obtidas no capítulo 2. As visões similares dos 4 estratos de análise diferentes vão compor grandes eixos de análise, as visões e imagens que estejam distante das imagens gerais serão analisadas e servirão de arma desconstrutiva dessas mesmas imagens gerais além de serem formas construtivas de possíveis imaginários diferentes.

Para amarrar tudo que foi tratado em toda a monografia, considerações finais serão elucidativas de pontos de vista pessoais e de possíveis caminhos a serem trilhados por quem queira continuar a discussão aqui levantada e suscitada.

CAPÍTULO 1: CIDADE, LUGAR, PAISAGEM, IMAGEM E IMAGINÁRIO.

Ao se tratar de qualquer aspecto que esteja presente em uma realidade urbana, é necessário ter em mente, e de forma bem clara que aspectos dos mais diversos vão compor essa realidade e compor qualquer quadro de análise que busque minimamente abarcar uma noção de espaço complexo, uno e múltiplo (muito trabalhado por Milton Santos). Acontecimentos dos mais diversos se processam e sobrepõem ao mesmo tempo sobre o espaço.

Logo, é importante um aprofundamento naquilo que julgamos importante na hora de se estudar determinada parcela do espaço sob determinado enfoque. Com isso, se atinge um aprofundamento melhor no que se está trabalhando e não corre-se o risco de perder-se dentro a infinidade de coisas que existem.

Partindo dessa forma de se trabalhar, categorias de análise vão se revelar diante de nossa reflexão como ferramentas úteis na construção de um saber rico e sólido.

Como busca-se falar sobre Brasília, sua imagem e imaginários, é necessário que se resgate alguns conceitos e se faça um retorno à temas que ajudem uma melhor compreensão do que virá a ser trabalhado.

Partindo desse pressuposto, uma elucidação sobre temas e categorias de vital importância para um debate rico e uma produção de qualidade se faz necessária. É importante uma primeira aproximação ao tema proposto partindo pela discussão em torno da categoria Cidade.

1.1 Cidade: O palco principal da vida e a morada dos homens.

As cidades como a concebemos hoje é fruto de um processo de maturação de concepções e conceitos que remontam muito tempo atrás. Esse termo não nasceu de forma pronta e dada, ele é resultado de um processo longo.

A cidade hoje, é o alicerce onde grande parte da vida humana acontece. É o espaço onde as questões econômicas se desenrolam, onde a base social ganha forma, onde as contradições tomam fôlego de forma clara, onde os acontecimentos se desenrolam numa velocidade tremenda e mais que tudo isso, onde a vida da moderna em sociedade urbana acontece. Se falar em urbano é dar conta de inúmeros acontecimentos que se processam em um espaço.

Para se dar conta de uma multiplicidade de fatores, uma compreensão urbana precisa ser alicerçada em bases multidisciplinares e que perpassem os mais diversos campos do saber. Cada ciência ou área do conhecimento analisa a questão urbana sob uma lente específica.

E esses padrões podem ser demonstrados através de modelos e teorias que expliquem os fenômenos físicos e humanos, fenômenos únicos que estão envoltos numa teia de relações entre fluxos, fixos, escalas e processos.

A geografia é o estudo científico de padrões espaciais. Ela procura identificar e explicar a localização e a distribuição dos fenômenos físicos e humanos sobre a superfície da Terra. Em geografia, a ênfase coloca-se sobre a organização e o arranjo dos fenômenos, e sobre a extensão em que eles variam de lugar a lugar [...] nenhuma outra disciplina tem a localização e a distribuição como seu principal foco de estudo. (CLARK, 1985, p. 18)

A cidade é mais que tudo, meio e modo de reprodução da vida humana, não é apenas o local onde os fenômenos acontecem, mas onde a vida humana ganha sentido de forma plena.

Tudo que acontece nesse espaço é fruto de um processo histórico em que vários tempos e acontecimentos se sobrepõem uns aos outros em um movimento de acumulação sempre positiva em que fatos passados e presentes através de fusão e embate continuam propiciando o andar da cidade e sua dimensão.

As contradições revelam de forma clara esse processo particular de desenvolvimento das cidades. Apesar de a cidade muitas vezes ser tida como sinônimo do urbano é preciso que se compreenda que o urbano se refere a questões mais amplas e voltadas a questões genéricas que perpassam vários campos do saber e numa dimensão global/ mundial. Já a cidade está envolta no campo do cotidiano e da vida comum no lugar.

[...] pensar o urbano enquanto reprodução da vida em todas as suas dimensões – enquanto articulação indissociável dos planos local/ mundial – o que incluiria, necessariamente, as possibilidades de transformação da realidade (a dimensão virtual). Já a cidade permitiria pensar o plano do lugar revelando o vivido e a vida cotidiana através dos espaço- tempo na realização da vida (CARLOS, 2007, p. 12)

Com base nisso, a cidade está sempre se transformando e mudando num processo contínuo de criação de novas formas, novos espaços e novas formas e elementos urbanos.

No mundo atual em que as transformações acontecem de forma cada vez mais rápida essas transformações intensas são da mesma forma fugaz. Hoje as cidades veem um processo muito comum da era moderna permear grande parte das suas relações.

O processo de envolvimento dos valores de troca dos espaços sobre os valores de uso. O valor de uso que valoriza o espaço através das relações de utilização desses mesmos espaços dentro da cidade perde força frente ao valor de troca que impera e organiza esse espaço frente as demandas do capital e da melhor utilização de parcelas do espaço sob a lógica do capital que dilacera e comanda a cidade.

O capital financeiro sucede o capital produtivo, que ordenava e partilhava o espaço com relação as suas demandas de consumo e de auto-organização, e gera contradições das mais diversas nas localizações e centralidades antes repartidas sob o viés produtivo. Isso faz o espaço das cidades hoje ser visto como mercadoria imobiliária movida pelos grandes centros financeiros e pela lógica do setor imobiliário.

É importante se salientar que mais que a realidade física da cidade ou o ambiente urbano que existe nas cidades, é seu quadro sócio espacial que dá forma as cidades atuais. Ora, a cidade é uma forma de reprodução e meio da prática e realização humana em todas suas dimensões.

A realidade social é um fator crucial e de peso na dinâmica das cidades. A geografia analisa a cidade através da realidade material presente nessas mesmas cidades, logo, toda a materialidade humana é o que da dimensão espacial a essa cidade.

As contradições sociais dão vida as reproduções da cidade dão vida a sua sempre presente mudança frente aos fluxos que são resultados desses mesmas contradições. É inegável que o fruto direto de todas essas dinâmicas é a produção. Produção de que? Produção de espaço.

Espaço esse que se completa na própria sociedade que o deu forma através do sempre incessante caminhar da produção de modos de vida que existem nas cidades. “A cidade pode ser entendida, dialeticamente, como produto condição e meio para a reprodução da vida” (CARLOS, 2007,p.21).

Podemos dizer então que a cidade moderna é meio onde há a realização do próprio processo de ser humano articulado sempre na escala social, política, econômica em escalas que vão desde o local até o mundial, e sempre num misto dos dois em proporções diferentes em razão da forma como se encontra a própria cidade.

É interessante se ter clara a noção de que a cidade é antes de tudo algo relacionado a como um modo de vida e de fazer no espaço, muito mais do que com simplesmente números e informações quantitativas, logo, uma forma de intervenção radical na paisagem (BRAGA e CARVALHO, 2004). As primeiras cidades tiveram sua origem na mesopotâmia e foram sucedidas por grandes civilizações e agrupamentos no norte da África e partes da Ásia. Logo depois sua evolução se deu em regiões da Europa com grandes civilizações e por fim em partes da América.

A cidade muito mais que um simples aglomerado de casas e indivíduos, é, por excelência, o lugar das trocas, do comércio, das Inter- relações de pessoas e de lugares. É o lugar para onde convergem os fluxos, materiais e imateriais da sociedade. (de gente, de riqueza, de poder, de saber...). (BRAGA e CARVALHO, 2004, p. 3)

O processo de urbanização, que consiste no movimento de porcentagens maiores da população viverem nas cidades do que no campo, é algo posterior ao surgimento das cidades, em seu princípio, as cidades eram centros convergentes de fluxos que aconteciam em função de atividades pastoris e ligadas ao campo.

Com o processo de industrialização as cidades foram ganhando cada vez mais parcelas maiores da população com relação ao campo, e assim, se urbanizando mais. Reino unido foi o pioneiro nesse processo, por razões claras relacionadas ao seu pioneirismo na revolução industrial.

O Brasil começou a deixar de ser um país agrário em meados do século XX, na região sudeste, sendo esse processo resultado direto da atividade cafeeira que se desenvolvia ali, sendo Rio de Janeiro e São Paulo os grandes representantes desse processo.

As formas como as cidades são integradas a paisagem e dispostas espacialmente e prova de que estabelecem suas relações próprias, estas relacionadas à forma particular de desenvolvimento da cidade, sendo essa sua história particular algo chave na compreensão de tal processo. A forma como ela está inserida na escala nacional e internacional é resultado direto de sua história.

A cidade é muitas vezes vista como a extensão da casa de cada ser humano, sendo como nos dizem Braga e Carvalho (2004, p. 09) “produto e condição da reprodução de uma sociedade” ou seja, a existência do homem moderno extrapola os limites de sua própria residência, vai para o escala da cidade como um todo.

Cidade que abriga, insere e agrega o homem a suas diferentes potencialidades: comercial, agrícola, urbana ou tecnológica, aos seus diferentes zoneamentos que separam usos convergentes e redistribuem usos divergentes, e às próprias interações interurbanas entre cidades diferentes.

É evidente que o homem se vê diretamente inserido nesse meio urbano que é manifesto em uma escala mais pontual dentro das cidades. Cidades que desde sua concepção, sempre trouxeram consigo mais que a uma ideia de cidade em si, mas um pensamento por trás acerca de como deveriam abrigar sociedades.

1.2 Uma aproximação da categoria geográfica de paisagem

Quando vamos tratar de assuntos geográficos que versem sobre assuntos pertinentes as cidades ou em grande parte formados a partir de acontecimentos dentro de um espaço complexo, dinâmico e permeado de relações, se faz imperiosa uma aproximação do conceito de paisagem tão presente nos estudos geográficos, afinal, o espaço é uma categoria central na geografia hoje, e paisagem uma dimensão espacial do espaço com rápida e constante mudança. Espaço e paisagem formam uma teia complexa juntamente com outras categorias como território, habitat e lugar (já explicitada aqui).

“Às vezes os alunos do curso de geografia perguntam: “Mas todos os conceitos querem dizer a mesma coisa?” Num certo sentido, sim. Porém, querem dizer a mesma coisa de forma diferente. Lugar, *habitat*, ambiente, região, paisagem, território são formas de ver os processos estudados por essa disciplina [...] o acervo conceitual de que dispõe o geógrafo para efetuar seu estudo é grande e variado. A cada conceito correspondem certas características (e critérios) em termos da divisão do espaço terrestre em unidades de análise. Isso é um elemento de diferenciação dos próprios conceitos” (MORAES, 2008, p.8-9).

De uma forma sintética podemos dizer que paisagem é tudo aquilo que conseguimos ver. Tudo aquilo que está dentro do nosso campo do visível. Englobando exatamente que conseguimos ver até de certa forma sentir, podendo se falar em tudo que se apresenta e é captado pelos nossos sentidos: Formas, sons, texturas, cores, movimentos, dimensões, estruturas, sons, sabores e formas, logo a paisagem está centrada numa multidimensionalidade de escalas que atravessam nossa própria percepção do espaço circundante e a nossa disposição e ganham forma nos nossos sentidos. Por isso que costumamos dizer que as pessoas podem

ter diferentes formas de apreender as paisagens em função da forma diferenciada que percebem o espaço.

Por isso, não podemos dizer que o homem não apreende a paisagem em sua totalidade, afinal, nossa forma de apreensão é parcelada segundo os elementos que elencamos na hora de se perceber a paisagem, logo, seria errônea a afirmação de que uma interação minuciosa a paisagem possibilitaria uma visão total. Porém, é interessante que ultrapassemos a paisagem como apenas aspecto para chegar a seu significado real (SANTOS,1988).

Em seu princípio, paisagem costumava ser confundida com região. Porém em um mundo cada vez mais globalizado e informatizado a semelhança entre os conceitos perdeu sua representatividade. Paisagem costumava ser confundida com os estilos de vida que existiam nas regiões.

Hoje, ela dá conta de uma quantidade tão grande de informações simultâneas que os estilos de vida são aspectos pontuais numa grande quantidade de categorias compondo a paisagem. A organização espacial sofre uma ressignificação. Essa ressignificação faz a paisagem se apresentar em duas formas diferentes: Paisagem natural e Paisagem artificial.

A paisagem natural pode ser entendida, a grosso modo, como uma natureza ainda não tocada pelo homem. Já a paisagem artificial pode ser entendida como uma paisagem natural que está cheio da forma singular do homem de agir sobre ela. E carrega consigo uma carga histórica e cargos materiais e imateriais em si própria. O espaço é remodelado e criado segundo as ações desse homem nesse mesmo espaço.

“A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma maior diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial” (SANTOS, 1988,p. 23).

Conforme o tempo passa, mais técnicas e instrumentos de trabalho surgem. Como a paisagem é uma relação direta entre o espaço e as formas e técnicas existentes nele, ela inevitavelmente muda conforme a relação entre ambos muda num mundo em que cada dia mais há um distanciamento do homem e seus fatores de produção ou instrumentos de trabalho. Assim, a paisagem se remodela e se ajusta as demandas que a própria mudança de

técnicas e produção imprime no espaço. Como diz Giedion (1960, p 291) “ Forma urbana e forma de vida estão intrinsicamente ligadas”.

A paisagem ganha novos contornos, novas texturas e novas formas. Mas é interessante citar que as formas passadas não são simplesmente trocadas pelas novas, o que acontece é uma sobreposição de formas passadas e atuais e sobre essa mesma paisagem que vão carregando sua historicidade de formas passadas e presentes.

Substituições, reorganizações e acréscimos são o motor de reciclagem da paisagem no contexto produtivo. Quanto maior o nível de produção em um espaço, maior a velocidade de mudança da paisagem.

Quando falamos de paisagem, não falamos de algo imutável e que permanece como está para sempre. A paisagem está sempre em processo de mudança, e como dito anteriormente, de forma muito rápida.

As sempre constantes adições e acréscimos no espaço mudam sempre o espaço apreendido através dos sentidos. Um novo sinal em uma avenida, um aviso sonoro, uma derrubada de uma casa, a mudança de um quiosque, a forma como um fixo se assenta sobre o espaço, a barreiras os fluxos, enfim, seja o que mudança for, ela altera a lógica anterior de tal paisagem e a coloca numa nova lógica que reorganiza sua lógica interna e novos sentidos podem ser apreendidos de um lugar específico.

“A paisagem tem, pois, um movimento que pode ser mais ou menos rápido. As formas não nascem apenas das possibilidades técnicas de uma época, mas dependem, também, das condições econômicas, políticas, culturais etc. A técnica tem um papel importante, mas não tem existência histórica fora das relações sociais. A paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais. Desvendar essa dinâmica social é fundamental, as paisagens nos restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis”.

(SANTOS, 1988, p. 24).

Para se ter ideia de como uma paisagem muda constantemente, não é preciso ir longe, imaginemos por exemplo as diversas funções que determinado espaço assume em horas diferentes do dia. Diferentes acontecimentos se processam sobre esse espaço em função de outros diversos fatores que agem ali, imprimindo uma paisagem diferente em momentos diferentes do dia.

A estação de metrô da sé é um exemplo claro. Em horários mais tranquilos é uma estação normal como outras de sua linha, mas em horário de pico, ela pode ser extremamente insuportável, com ruídos num grau imensamente maior do que em outros horários, as texturas

espaciais são violentamente alteradas pela quantidade absurda de pessoas esperando sua vez de entrar nos trens.

Tudo isso em função de fluxos diferentes em função de diferentes divisões territoriais do trabalho.

Apesar de comportar tanta coisa distinta e ao mesmo tempo, a paisagem tem um funcionamento unitário e consegue administrar bem os diversos acontecimentos que se processam. Milton Santos (1988) nos traz conceitos importantes sobre as formas contidas na paisagem.

Traz as formas viúvas e virgens. Segundo ele, as formas viúvas esperam uma nova utilização no espaço em função de melhorias tecnológicas ou por demandas novas que possam surgir nessa paisagem. Já as segundas são criadas para inovações.

É comum associarem a palavra paisagem e espaço como sinônimos. Apesar de serem parecidas, são diferentes. A paisagem como dito, contém as materialidades do espaço em um determinado instante, dito a grosso modo uma fotografia, pintura ou captação momentânea da sociedade. O espaço seria uma união da paisagem e as relações sociais que se processam no espaço e que não estão contidas na paisagem (pelo menos não de forma direta).

Nas palavras de Santos (1988, p.25) “O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Complementam – se e se opõem”. A paisagem suporta o trabalho morto (formas) e o espaço junta as formas com o lado social desse mesmo espaço (trabalho vivo), logo a sociedade tende a se adequar a paisagem que ela mesmo de forma indireta produz através da forma como remodelam a escala pontual do espaço, o visível, momentâneo.

E pra fechar e amarrar os conceitos aqui trabalhados podemos dizer que a sociedade busca e está sempre se especializando. Ou seja, ganhando novos espaços e de forma grosseira “modelando” a paisagem. “Mas a espacialização não é o espaço. A espacialização é um momento da inserção territorial dos processos sociais. O espaço é mais do que isso, pois funciona como um dado do próprio processo social” (SANTOS, 1988, p.26). Assim o espaço é soma síntese dessa mesma sociedade e da paisagem através dessa espacialização.

1.3 Símbolos e imagens

De fundamental importância nesse presente trabalho é o resgate de conceitos muito próprios da semiótica que oferece ferramentas analíticas de vital importância. Afinal, buscar um entendimento de como a mídia e seus aspectos múltiplos estão ligados à construção e remodelação de sentidos por parte de cada um, se faz presente nesse trabalho quando se é pensada a influência da mídia na construção de imagens e imaginários acerca de Brasília.

A semiótica tem como precursores Platão e Aristóteles na época clássica, Santo Agostinho na idade média e depois de e reformular segundo algumas contribuições, tem como teórico principal e guia de seus postulados Saussure e em maior representatividade Charles Sanders Peirce, um filósofo, cientista e matemático americano.

De forma sucinta a semiótica pode ser compreendida como o estudo dos signos. Porém surge um outro questionamento: O que são signos?

Por signo, dentro da semiótica, entende-se que é a representação de determinada coisa, seja ela o que for. Ou seja, a representação de um lápis, um poste, uma casa, um prédio, um edifício, uma cidade e por aí vai.

A representação de uma gama infinita de coisas, afinal podemos representar qualquer coisa do mundo. Mundo é um somatório infinito de signos. E todo signo traz consigo infinitos signos por trás.

O signo é dividido em duas partes importantes segundo Amstel (2005), uma parte chamada de representamen e uma chamada de significado. Aquela é imagem mental que se é criada da coisa, já esta é aquilo que se significa. Para ficar mais claro imaginemos por exemplo o Congresso Nacional arquitetado por Oscar Niemeyer.

O representamen seria a imagem que temos na cabeça do Congresso, uma cópia mental que fazemos de acordo como nós apreendemos o que é visto. Significado é que realmente significa o Congresso Nacional, um prédio branco com duas bacias, com vidraças em duas torres...e todas as caracterizações que este possui.

Porém, para que o real significado fique completo precisamos de um terceiro elemento: a coisa em si, ou seja, o próprio prédio do Congresso nacional. Não manipulamos a coisa em si, manipulamos apenas o signo em nossa mente. Porém sem o terceiro elemento real, o signo ficaria solto sem um referencial real.

Quando partimos da afirmação de que tudo é signo, podemos dizer quase pagarmos Brasília, ela também é um signo, possui representamem e significado bem como um referencial real que completa o modelo tridimensional de signo.

Com base nisso, entendemos que o visual é aspecto fundamental na forma como criamos um representamem mental sobre a coisa em sí. Quem vivencia Brasília sob o aspecto visual não a vivencia apenas estando em lócus, ou seja, na cidade em si, mas sim através das mídias que estabelecem uma forma visual de se “enxergar” essa cidade.

Nesse contexto que é de fundamental importância entender os postulados gerais da semiótica antes de avançar em como essas imagens são processadas internamente e criamos imaginários próprios acerca da cidade.

Brasília, como já explicitado anteriormente, tem um arcabouço de imagens muito bem formado no coletivo Brasileiro em função de sua história particular e da divulgação midiática em torno dela. Imagens que tal trabalho pretende compreender se mudaram ao longo do tempo em função dos diferentes representamens construídos em função da mudança sinestésica de diversas ordens que a paisagem sofreu a cidade ganhar vida.

Tal análise é de fundamental importância neste projeto, porém, uma análise infrutífera será alcançada se não resgatemos algumas outras divisões que são feitas na categoria signo. São elas: símbolo, índice e ícone.

Algo importante a ser resgatado é a noção de símbolo. Símbolo é uma forma de criar e dar significado a algo. A noção de símbolo tem início no paleolítico quando se havia necessidade de representação de algo que não estava ali presente através de simbologia própria.

Tal processo leva objetos e coisas comuns a terem novos significados. Salienta-se que os símbolos parecem sempre se perder em um reducionismo, ou ter seu sentido incompleto e imperfeito. As letras são exemplos de símbolos por trás dos signos.

O simbólico é uma relação convencional. É uma relação estabelecida por uma norma convencionalizada dentro da sociedade. O exemplo mais importante dos símbolos é o uso do alfabeto. Pra descrever os sons da fala. São signos que não tem relação direta com a coisa, a letra A não tem relação direta com a entonação da vogal A (AMSTEL, 2005, p. 1).

Claro que esses símbolos mudam, isso porque a percepção dos símbolos é extremamente pessoal, influenciada pelo contexto em que estamos inseridos, a carga histórica

que trazemos conosco e a configuração subjetiva pessoal e inerente a cada pessoa. Até porque símbolos geralmente aparecem não isolados, dando lugar a configurações simbólicas que permeiam a mente.

Nesse contexto que se lança a pergunta: O símbolo ou símbolos que Brasília trouxe ao longo do projeto inicial são paralelos perfeitos aos que ela traz hoje? É possível adiantar que não, já que eles são influenciados por contextos em que estamos inseridos e contextos não só mudam numa escala espacial, porém numa escala temporal também.

Por exemplo, palavras que em si só não exprimem significado agregado aos sons. Os fonemas só guardam correlação com alguma significação em função do contexto envoltório que finaliza tradução dos símbolos.

Um exemplo claro, é o fato de se guardar determinado objeto de alguém. Tal objeto não é a pessoa e muito menos é uma representação fidedigna da pessoa. É uma forma de representação pessoal e subjetiva, através de uma mediação própria que constrói e atribui significado a um objeto transformando ele, como dito, em algo diferente.

Símbolos precisam de cargas icônicas para lhes darem mais significado e definição, já que quando falo a palavra edifício, várias ideias e noções formam uma noção geral de edifício, que inclusive se transforma ao longo do tempo, porém um símbolo com ícone traz mais definição dedutiva do que me refiro. Ícone seria algo lúdico para o símbolo que atribuímos a um determinado signo.

É nesse contexto que imagens tem um grande poder de construção de significado, ideias e carga mental para que as vê. O ícone que tem semelhança com o objeto que nos referimos de determinado signo, ou seja, de determinada coisa representada, ele traz e revela especificidades acerca do objeto. “ É certo que, ao explicarmos o simbólico, sempre algo intraduzível. Isso porque, como já mencionado anteriormente, o símbolo aponta para algo que está ausente, representando-o, mas sem apreender todas as suas possibilidades (RIBEIRO, 2010, pp.49) “.

Outro aspecto seria índice que se apresenta como uma espécie de ícone que possui uma ligação mais direta com o objeto, porém tal conceito ou subdivisão e sua especificação não se faz necessária ao nível da pesquisa deste projeto.

1.4 A expressão do espaço geográfico em um cotidiano compartilhado

Falar em lugar em geografia é tratar de uma expressão do espaço geográfico em uma escala local ou pontual. Uma dimensão que valoriza a existência e a dimensão da consciência individual, que se manifesta num cotidiano em comum. O espaço geográfico ganha forma e contorno com base na visão subjetiva e das percepções de cada um.

O local vivido é o palco onde a significação sobre o espaço se torna concreta. Coexistência e uma relação concreta entre relações subjetivas são pontos importantes da escala local.

A experiência é algo presente na categoria de lugar, é através dela que um noção de lugar é impressa de forma única em cada pessoa. O espaço é algo mais amplo, mais voltado para uma sensação de liberdade (não que isso não exista na noção de lugar), uma sensação de espaço infundável e que se estende por grandes extensões.

Lugar é algo mais pontual, um espaço de segurança em que conhecemos ele de forma mais clara. A forma apreendemos o espaço geográfico e imprimimos nele uma sensação de pertencimento mais íntima faz eco na imersão cultural em que nos encontramos.

A forma como um estrangeiro vê o Rio de Janeiro é distinta da forma como um Carioca nato se relaciona e vê a cidade do Rio de Janeiro. A forma como um Paulista vê Brasília é distinta da forma como um morador de Brasília a vê. E numa escala menor, a forma como um morador do Plano Piloto o percebe é distinta de quem mora em RAS ou cidades do entorno.

Apesar de alguns pontos serem, as vezes, comum para ambos, as visões são distintas. Afinal, o espaço que começa como algo exterior a nós, vai sendo dotado de significação e valor a medida que dotamos esse mesmo espaço de valor. E se caso visões distintas consigam unir pontos convergentes isso corrobora a um imaginário geral coletivo sobre determinada coisa ou fato.

A minha experiência com relação a um espaço pode acontecer de uma forma direta, ou seja, estando no lugar o qual produzo experiência vivida ou através de imagens, símbolos, e outras formas de se ver esse local.

É claro que essa forma de imersão local através do meio visual, que nos permite apreensão espacial, não permite uma abstração tão boa como a própria experiência em lócus.

Uma dúvida pode surgir: Mas porque a experiência é tão importante? Ora, através da experiência que se torna possível ter capacidade de ser internalizado dentro de uma realidade.

Podemos viver essa realidade, criar significados, ter conceitos confrontados, visões reforçadas, noções melhores apuradas e podemos nos posicionar frente a essa mesma realidade, sempre criando e ressignificando emoções. Porém uma diferença se faz presente entre experiência e emoção, enquanto aquele está voltado ao mundo exterior esse nos traz algo interior.

A experiência implica a capacidade de aprender a partir de própria vivência. Experienciar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é uma constructo da experiência, uma criação, um sentimento e pensamento (TUAN, 1983, p. 10).

Sentimento e pensamento nesse caso são conceitos muito próximo quando falamos em lugar, afinal eles conseguem unir ver e pensar dando peso (de uma forma bem menos), aos símbolos apreendidos pela visão em nossa experiência local.

Assim o espaço é experienciado de forma das mais diversas possíveis, e é assim que surge a questão do lugar como algo tão pessoal e diverso conforme as visões diferentes de façam presente, e quando digo visões, estou me referindo as formas singulares de ver o espaço e suas relações. Julgo dentro os sentidos que compões os sentidos humanos, a visão o mais importante da hora de se criar significação sobre determinado espaço.

É através dele que podemos unir os demais sentidos e ter a noção espacial que cada um nos dá, unida e fortalecida por relações internas entre cada um com outro. É claro que os outros sentidos de forma isolada ou em conjunto enriquecem nosso campo visual. Distâncias de magnitudes distintas ganham forma através da percepção que temos delas. Isso nos traz emoções diferentes com relação ao espaço.

Quando falamos em lugar, uma palavra muito importante se faz presente nessa forma de espaço carregada de relações emocionais: O cotidiano. Essa palavra as vezes vista como algo apenas padronizado dentro de dias seguidos, ganha significação mais ampla quando a inserimos no espaço.

Quando estamos morando em um lugar, muitas vezes vemos esse mesmo local apenas de dentro. Através de nossas relações íntimas como esse mesmo espaço, e vendo de perto as dinâmicas que acontecem ali. Para quem acaba de chegar a um lugar, muitas vezes onde moramos pode ser um borrão de imagens.

Quando passamos a entender o local onde moramos, começamos a criar significação e até mesmo fazer relações entre os espaços que passamos e vemos. Com o tempo o borrão se

perde e nosso cotidiano está tão bem formado que já carregamos uma série de relações emocionais com o espaço sem nem nos darmos conta, assim o lugar ganha forma. Porém tanto uma visão interna como uma visão externa do local são importantes para uma melhor formação de imagem. É assim que os 4 estratos de entrevistados se fazem tão importantes na hora de se obter imagens e imaginários gerais sobre Brasília.

Podemos morar num lugar por muito tempo, conhecer bem as localizações e dinâmicas sem nunca termos parado para pensar sobre ele de forma exterior. Colocando esse espaço numa posição exterior conseguimos uma imagem mais clara.

O contrário se mostra verdadeiro também, as vezes temos contato com um lugar apenas pela mídia, por imagens, ou por olhos de outras pessoas, nossa carga de experiência interna em tal local limita nossa visão sobre esse lugar perdendo o peso da realidade presente ali.

Um exemplo seria uma fotografia de um monumento importante em uma cidade. Conseguimos abstrair uma imagem sobre tal local, porém apenas estando presente ali conseguimos ter um sentido completo formado, somente estando ali que temos acesso à formação tríade do signo através do representamem, o significado e o real.

Tuan, 1983 nos diz que os homens adultos têm sentido muito mais complexos sobre as ideias em torno do espaço e lugares, oriundas de experiência únicas e singulares. Assim essa experiência a mais traz consigo conhecimento sobre regiões muito mais amplas, grande parte das vezes por meio simbólicos e imagens, aos quais por sua vez nos permitem uma organização espaço temporal dos acontecimentos e imprimindo cargas emocionais diferentes sobre cada um e originando significados diferentes sobre o espaço.

E como nos traz TUAN (1983, p.151) “ o espaço transforma-se em lugar a medida que adquire definição e significado” . E ainda complementa (1983, p.153) “ Lugar é uma pausa no movimento, uma pausa num mundo exterior”.

Lugar nesse sentido está muito voltado para uma localidade em que estamos acostumados, temos conhecimento e vivenciamos do que acontece ali. Temos capacidade de opinião sobre propostas de intervenção, de mudança e nos identificamos com aquele lugar. Por mais que tenhamos opiniões muitas vezes negativas sobre nossa cidade natal, não gostamos de falem daquele lugar. Temos uma relação íntima com aquele espaço.

Nossa vida se desenvolveu ali e grande parte das emoções que vivenciamos está marcada em nosso ser. Um cotidiano foi partilhado durante anos de nossa vida, através de relações de vizinhança, cotidiano em comum e de um sentimento de pertencimento forte.

Voltando ao exemplo sobre a forma como um estrangeiro e um carioca nato veem o rio de janeiro, é um exemplo de como o lugar nos capta de forma diferente.

Por mais que um carioca reconheça os diversos problemas e mazelas existentes no Rio de janeiro, ele tem um sentimento de proximidade e carinho por aquele espaço. A noção de lugar é forte ali, e ele vai sempre ser transportado a uma zona de experiências, vivências e acontecimentos quando o Rio de janeiro aparecer em de alguma forma. O representamem , a imagem mental, que o carioca tem pelo rio é diferente da que o Brasiliense tem, não só pelas experiências diferentes, mas pelo próprio fato de a noção de lugar ser diferente.

Sempre terá a noção de sede central muito clara, de espaço em que o sentimento de pertencimento, de lar, de casa, de extensão do seu próprio ser se encontra. É aí que a pausa no movimento existente em todas as dimensões do espaço acontece e nos voltamos para uma dimensão interna, pessoal e próxima e íntima.

O lar é um lugar íntimo que permite essa pausa no movimento. Não parece ser algo “lá fora”, parece ser uma zona interna que tem sua extensão em nossa dimensão pessoal de existência próxima. Por isso sempre nos remetemos a coisas ao descrever algo relacionado ao nosso lugar favorito.

Essas coisas são a forma como conseguimos expressar nossa forma de captar esse espaço simbólico. Essas coisas podem ir desde uma simples cadeira, um ursinho de pelúcia ou uma grande avenida ou monumento de uma cidade.

Como não seria diferente, na geografia, o lugar se manifesta através de escalas das mais diversas. Desde um simples canto ou objeto no meu quarto que tenho afeição espacial, às avenidas, ruas, cidades ou nosso país e nossa pátria. É comum associarmos essa relação íntima apenas como pequenos lugares, mas quem não tem uma cidade que se identifica e sempre volta de viagem desejando ficar mais tempo? Uma cidade natal que sempre adoramos visitar? Um monumento da cidade que nos deixa arrepiados?

O lugar se manifesta em diversas escalas através da forma como nos movimentamos através de nossa rede própria de significação. “Lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção” (TUAN, 1983,P.179). O que importa é a conexão emocional que usamos para conhecer ou nos conectar como algo.

Não é novidade para que ninguém que os objetos, tocam cada um de forma diferente em função da nossa configuração subjetiva pessoal.

Claro que o que está mais próximo de nós como nossa casa, bairro ou cidade tendem a serem lugares mais cheio significância, porém desde que tenhamos uma relação pessoal,

íntima e própria com um espaço geográfico, ele será um lugar próprio. A cidade é uma rede de símbolos, fluxos, logo, um centro de significados, constituindo um lugar.

Uma cidade não se torna histórica simplesmente porque ocupa um mesmo sítio durante um longo período de tempo [...] Uma cidade antiga guarda um acervo de fatos nos quais as sucessivas gerações de cidadãos podem se inspirar e recriar sua imagem de lugar (TUAN, 1983, p. 193).

É importante se deixar claro que nossos lugares importantes continuam os mesmos com o passar dos anos, afinal, não há a possibilidade de se retirar nossas vivências e experiências nesses lugares, porém agregamos vários outros conforme vamos envelhecendo, criando uma rede de lugares próprias.

Mas por que só conforme envelhecemos? Porque apesar de vermos os lugares, só conseguimos senti-los com o passar do tempo, através de uma imersão, por isso a experiência real no local se faz importante. Isso é importante para que tenhamos afeição por um lugar, mas claro, não podemos esquecer o peso do tempo em etapas diferentes da vida.

Se falar em alguns anos na infância não é o mesmo que se falar na adolescência ou na fase adulta. Além de que o tempo se passa de forma distinta em etapas diferentes da vida. Isso impacta de forma direta na forma como sentimos os lugares e eles são apreendidos por cada um.

Tudo isso impacta a forma como os lugares são diferentes para cada um, fortalecendo a ideia de que os lugares são únicos para um, logo, um mesmo espaço geográfico pode ser lugares diferentes dependendo do ponto de vista subjetivo de quem estamos perguntando ou usando como base e assim nas palavras de TUAN (1983, p.221) “o espaço abstrato, carente de significado exceto pela estranheza, torna-se um lugar concreto, cheio de significado”.

1.5 Uma elucidação da categoria imaginário

Quando falamos em imaginário, estamos falando de algo que vai além do real, ou seja, tem suas bases no mundo real, mas se substância e ganha forma numa corporificação externa a esse mundo.

Alguns conceitos são trazidos por François Laplatine em sua busca de compreensão e definição do conceito de imaginário. Além do próprio imaginário, eles nos traz os conceitos de Ideologia, imagem e símbolo. Imagens podem ser entendidas como construções que são

em sua totalidade resultado de experiências visuais. Uma imagem criada sobre uma determinada cidade é fruto de experiências visuais, sejam elas, fotografias, televisão, vídeos e etc.

Conforme vemos e enxergamos as coisas, imagens vão sendo formuladas e concebidas em nossa mente com relação ao objeto visto.

É importante salientar que essas imagens não são o próprio objeto em si, mas apenas um resultado de uma apreensão de parte do objeto que se apresenta externalizada, ou seja, uma faceta do todo, algo já explicitado quando se foi falado sobre semiótica.

Não se há dúvida de que o objeto existe em si mesmo. É real e é objetivo. Porém apenas através da percepção e interpretação é que conseguimos internalizar o apreensível e construir um representamem mental com base no real e seu significado.

Essa percepção não é igual pra todos que observem e apreendam um mesmo objeto, mas está imersa na nossa configuração pessoal marcada por sentimentos e experiências que tivemos, e quando nos referimos a cidade ou a algo específico, da forma como nossa relação de proximidade foi construída com relação a determinado objeto, lugar ou coisa.

O real é atribuição dada por cada homem a sua realidade a partir de ideias, signos e símbolos que são atribuídos a essa realidade percebida por cada um. Como dissemos a imagem é uma forma de se chegar próximo ao real ou objeto que buscamos compreender.

Num movimento duplo, a imagem se aproxima do real assim como uma aproximação do real é possível através da imagem, já o símbolo vai além a tem em objetividade uma significação maior. os símbolos estão presentes nas mais diversas esferas da vida, a econômica, religiosa, política, íntima ou externa, Símbolos trazem significação para as coisas do mundo real.

O símbolo é mais carregado de estímulos que buscam agir, mobilizar atuar. A exemplo cita se Brasília ser tido como Capital da esperança, isso é uma simbologia construída por trás de uma imagem: A cidade de Brasília. Uma simbologia que busca agir, mobilizar e atuar sobre algo como dito.

Um exemplo interessante dado por Laplatine é o caso da raposa ser vista como um animal astuto e bem articulado nos domínios da “esperteza”. Cada pessoa possui uma imagem específica de raposa, prova de que a experiência individual é fator importante na formação de uma imagem. Porém, a símbolo de esperteza através do ícone raposa como animal astuto é algo construído e modelado num escala mais externa ao indivíduo. Se aproxima mais de algo coletivo.

É assim que o símbolo de astuta é formada. Porém, é importante se notar que símbolo não pode substituir o sentido da própria coisa. É possível se ver astuto em uma raposa, porém a raposa continua sendo uma raposa sem perder seu sentido original.

A ideia que temos de algo faz parte de um todo um universo simbólico criado em nossa realidade e que orienta nossa vivência. Símbolos mais que imagens estão repletas de intenções criadas por homens em contextos específicos.

Importante se notar que os símbolos são formados por signos que conseguem ter uma direção mais única dentro do universo poli semântico do símbolo.

Quando um professor se encontra separado de seus alunos por um espaço considerável entre sua mesa e as dos demais alunos, não é algo ao acaso. É um signo, direto e único (sinal) que marca uma simbologia de que existe autoridade, ordem, hierarquia dentro da sala de aula. Bem, mas por que se falar tanto em símbolos? ora, por ser o símbolo é a muleta principal que da significação a existência do imaginário. Símbolos e imagens se fundem na formação dos imaginários.

Símbolos cheios de sua carga de significação juntamente com imagens cheias de percepção abstração pessoal formam (segundo Marx) uma solução fantasiosa para as contradições reais: O imaginário.

Como diz Laplatine (1997. p 8),

“O imaginário é a faculdade da apresentação de algo que se põe se e dar se sob própria forma de apresentação, ou fazer uma imagem e uma relação que não são dados diretamente na percepção. Essa representação traz consigo afetividade e cargas emotivas bem marcadas”

Imaginário ganha ainda mais forma na sociedade dualista que vivemos hoje em que subjetividade e objetividade, razão x paixão e ideias afetivas e ideia inteligentes são cada vez mais o embate interno de cada um. Yi Fu Tuan (1977,) fala que as experiências podem ser direta e íntima ou conceitual mediada por símbolos.

CAPÍTULO 2: BRASÍLIA: AS BASES DE CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO

Brasília é a capital do Estado brasileiro e sede do poder político e governo. Foi inaugurada no dia 21 de Abril de 1960, como resultado de várias políticas que buscavam uma interiorização do território brasileiro.

Inicialmente foi concebida para 500 mil habitantes, sendo este número posteriormente aumentado para 700 mil. Hoje O Distrito Federal, união de Brasília com suas cidade satélite vizinhas, tem cerca de quase 3 milhões de habitantes. Como dito, a cidade abriga toda a máquina governamental Federal em suas 3 grandes esferas: Executiva, legislativa e Judiciária.

O plano urbanístico de Brasília é conhecido como Plano Piloto e tem um formato de um avião, tendo destaque tanto nacionalmente como a nível internacional. O urbanista Lúcio Costa ficou encarregado do Projeto urbanístico da cidade, bem como Oscar Niemeyer ficou encarregado da grande massa arquitetônica que deu vida a cidade.

Brasília se tornou capital do Brasil após salvador e Rio de Janeiro, quando uma vontade do Presidente até então vigente, Juscelino Kubitschek era de mudança da capital para o interior do Brasil, suscitando debates fervorosos tanto a favor como contra a mudança.

Hoje Brasília é patrimônio Cultural da Humanidade e seu plano piloto tombado pelo IPHAN. Não seria pra menos já que a cidade leva o título de maior projeto realizado na prática no século XX.

Brasília pode ser entendida como um acontecimento ímpar dentro da história da humanidade, é um registro real de um sonho ou uma vontade que não se exime ou cala.

Brasília traz consigo diversos escritos de diversos profissionais das mais diversas áreas: Geógrafos, historiadores, sociólogos, antropólogos, urbanistas, arquitetos, filósofos, poetas dentre vários outros. Isso demonstra a tamanha fascinação que Brasília tem aos olhos mais diversos da população brasileira e do mundo.

A quem diga que até os mais avessos aos trabalhos de Oscar Niemeyer ou a forma simples em que o projeto de Lúcio Costa foi feito, não negam a singularidade perfeita que essa cidade carrega em sua essência.

Um modo de viver diferente e como costumam falar por aí “uma ilha diferente” dentro do Brasil, fazem os sentidos ficarem aguçados e as abstrações visuais e perceptivas afloradas sob a áurea que essa cidade invoca.

Quem nasce em Brasília carrega o gentílico de Brasiliense e não nasce em um Estado ou município, nasce numa mistura sincrética de ambos, onde Brasília e seu plano piloto somados à uma constelação de cidades vizinhas batizadas com cidades satélites completam o equilátero do Distrito Federal.

Seu centro, desde a sua concepção carrega consigo o adjetivo de Cidade da esperança, suscitando sentimento de renovação, progresso, evolução, melhora e prosperidade.

2.1 Um resgate da história de Brasília

A atual porção do território brasileiro que hoje se encontra o quadrilátero do Distrito Federal e conseqüentemente Brasília, era habitado por indígenas antes da chegada dos portugueses, e mais tarde por volta do séc. XVIII era rota de viajantes, comerciantes e garimpeiros que se dirigiam para outras localidades na busca de ouro e especiarias. E dessa época a fundação de São Sebastião e Planaltina que na época era nomeada Mestre D'Armas.

Em 1761 o marquês de Pombal, como era chamado Sebastião José de Carvalho, devido sua grande importância do Brasil como estadista e diplomata, sugere a mudança da capital brasileira para seu interior. Assunto que aguçava debates a favor e contra nos mais diversos estratos sociais. Talvez devido o grande prestígio que ele obtivera junto aos governantes brasileiros, essa mudança entrou como dispositivo na constituição de 1891.

Nesse mesmo período, por coincidência ou não, um Padre italiano que residia no Brasil de nome João Bosco, teve uma espécie de profecia, segundo alguns, sobre uma terra cheia de riquezas próximo a um lago no interior do Brasil.

Mais tarde Dom Bosco, como era conhecido, se tornou padroeiro de Brasília. Frente a tudo isso, uma comissão que tinha como objeto explorar as regiões interioranas do Planalto Central saiu em busca de levantamentos do mais diversos possíveis sobre a futura área que viria a se tornar Brasília posteriormente.

A comissão saiu realizando seus estudos geológicos, hídricos, climáticos dentre vários outros no ano de 1891 e delimitou e nomeou a área de quadrilátero cruz sendo a região específica batizada de Vera Cruz. Posteriormente, lá pelo ano de 1954 presidente Café Filho tinha interesse em examinar as condições da real instalação de uma mudança da capital para a região de Vera Cruz. Nomeou o Marechal José Pessoa Cavalcanti Albuquerque para analisar tal viabilidade.

No ano posterior em 1955, Juscelino realizava um comício na Cidade de Jataí, interior do Estado de Goiás, quando foi prontamente questionado por um eleitor sobre a mudança da

capital para o interior e se o presidente iria respeitar a constituição e realizar tão feito previsto constitucionalmente há 60 anos. Juscelino disse que isso era meta de seu Governo estando inclusive incluso no plano de Metas, cargo chefe de sua campanha eleitoral.

E como prometido, em 1956 José Pessoa sai e entra Ernesto Silva como responsável por analisar as condições da mudança bem como cargo de diretoria da NOVACAP companhia responsável pela execução do projeto urbanístico feito por Lucio Costa.

Vários movimentos de “mudancistas” e “fiquistas” eclodiram e suscitavam debates calorosos desde que se pensou a mudança da capital. Alguns acreditavam que essa mudança deixaria todo mundo bonzinho e que os vícios da baixada fluminense era os sinistros de quem desejava ter práticas decorosas com relação a governança.



Imagem 1¹: Brasília na época da construção – Fonte : wikipédia, 2017

Os que defendiam a mudança acreditavam que o congestionamento iria acabar, e a corrupção seria sanada estando a máquina estatal no longínquo interior brasileiro. Os partidários de uma permanência da capital do Rio de Janeiro, diziam que os gastos eram desnecessários e absurdos, ainda mais numa época de uma pauperização burocrática e financeira estatal.

Diziam que não se muda uma cidade como quem muda de apartamento, sendo obras de infraestrutura urbana para o trafego horrível, mais viável que se construir uma cidade inteira nova. Alguns tinham certeza que arcariam com um duplo funcionalismo, sugando mais

¹ Disponível em: <http://desciclopedia.org/wiki/Constru%C3%A7%C3%A3o_de_Bras%C3%ADlia> Acesso em Novembro. 2017.

recursos do povo. Alguns diziam que a mudança iria trazer mais segurança com relação a ataques marítimos e militares.

Para outros isso era besteira, ainda mais numa época das bombas nucleares, meio técnico científico e aviões. Por fim como dito, vários eram os argumentos juntamente com a renovação da ética e bons modos dos governantes e na estrutura política viciada e corrompida historicamente, como se o fato de plantar uma macieira em outra região a fizesse se tornar uma figueira.

2.2 A dinâmica de produção de imagens sobre Brasília

Com base na sua forma única de ser pensada, de sua concepção quase majestosa e de sua consolidação icônica e repleta de simbolismo, diversos arquétipos em torno da cidade foram construídos.

Uma *cidade moderna*, pensada e minimamente ajustada a interesses próprios de um interesse maior: a interiorização da Capital. Um *centro de poder*, pedestal de uma estrutura maior burocrática, funcionalista, política e materialmente lócus da governança. E uma *ilha da fantasia* permeada por *desigualdades* costuradas numa visão midiática vinculadora e criadora de imagens que permeiam e se equilibram entre a beleza moderna da concepção singular dessa cidade, as mazelas e corrupção que assolam a capital nacional.

2.2.1 Cidade moderna e planejada

“Os homens não apenas discriminam padrões geométricos diferentes na natureza e criam espaços abstratos na mente, como também procuram materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos. O resultado é o espaço escultural e arquitetural e ,em grande escala, a cidade planejada. (TUAN, 1983, p.19)

Brasília é um exemplo interessante de como as exigências de desenvolvimento e integração brasileira foram vetores direcionadores da própria vontade de mudança da capital nacional do Rio de Janeiro para o meio do Centro Oeste.

Mais que mudar apenas fisicamente uma porção administrativa do estado e talvez se lograr mudanças vigorosas em hábitos e costumes até então corriqueiros atrás da máquina política estatal, a construção da nação brasileira de uma forma valorosa e sem toda a

sujeira do passado era algo já presente nos anseios de muita gente. Seria como diz CORBISIER (1960) a construção de uma significativa nação brasileira.

Já era hora do Brasil se unir num espírito só de mudança e progresso. Mudança que deveria se realizar em esferas das mais diversas, sejam elas sociais, políticas, econômicas, ou ligadas a desenvolvimento de regiões vizinhas, atendendo a política de desenvolvimento econômico da época.

Nesse contexto que a ideia do nascimento de Brasília traz por detrás de tudo que foi pensada a criação de um lugar de certa forma utópico que rompesse com representações urbanísticas até então e pudesse sem sanada de vícios incorrigíveis maiores, o que na prática, ficou claro que não ocorrer.

Brasília num movimento modernista de criação identitária nova, parece ter sido feita sob medida, não como objeto de uma classe específica, apesar das opiniões mais contrárias, mas objeto de um interesse do Estado. “A construção de uma nova estética simbolizaria a autonomia técnica brasileira, a sua gestão e um caminho exemplar para o desenvolvimento posterior do país” (CAVALCANTI, 2006. P. 207)

Seria assim então, possível ir além das visões distorcidas sobre futebol, plantações canavieiras, papagaios, Amazônia e carnaval e se alcançar algo de certa forma simbólico, não de uma cidade apenas, mas de uma nova cultura Brasileira que conseguisse romper com o presente e se mostrar forte e emancipadora das mazelas históricas que arranhavam as páginas nacionais.

Os mais fervorosos acerca dessa visão utópica que se seguia a criação de Brasília, achavam que emancipação era uma palavra capaz de dar luz ao espírito inovador que tal criação modernista poderia invocar. Era como se todo esse novo simbolismo e desejo criador, ligado a um sentimento de mudança não pudesse ter sentido completo ou possibilidade de acontecimentos, preso as velhas estruturas físicas que permeavam o espaço em que a velha capital se encontrava.

Porém romper com velhas estruturas vai além de uma simples interiorização, a capacidade de concepção e execução findariam por si a capacidade criadora e expressão da cultura do país como um todo.

Salientamos que não bastaria interiorizar a capital. O que nos parece de maior significação e importância é a concepção e a realização de Brasília como obra de arte, como expressão autêntica da nova cultura brasileira. Dessa nova cultura[...]convertida ao Brasil, e cujo conteúdo é o próprio país[...]Brasília nos

liberta e, contemplando-a leve e monumental, moderna e brasileira, “funcional e lírica”, nós nos encontramos e nós reconhecemos. (CORBISIER, 1960, p. 4)

Como dito, esse espírito criador iria além das fronteiras nacionais e mostraria pro mundo a capacidade de realizar uma façanha que seria exatamente um símbolo de realização da tão chamada flor do deserto, capital da esperança ou capital do futuro, prenunciando simbolismos criados já em todo esse imaginário presente num projeto prestes a ganhar forma.

Com isso, é perceptível que os imaginários por trás de Brasília desde seu início prenunciavam algo grande e majestoso com uma escala quase monumental. Problema é que na realidade tão concepção pode sucumbir a pressões das mais diversas que se desenrolam no espaço pelo próprio processo de desenvolvimento da realidade brasileira, ou se tornar uma cidade artificial, sem vida e sem um cotidiano natural que se desenvolva em função de um movimento vivo de construção espacial.

Há quem diga que a forma urbana e a forma de vida são aspectos intrinsecamente ligados e relacionados (GIEDION, 1960) e que Brasília será uma experiência de arquitetura (MORAVIA, 1960). Isso leva a uma noção muito sutil de uma vida criada em laboratório sem um dia-a-dia mais intenso que regule essas relações.

É possível que tenham se perguntado como de fato seria a vida em Brasília, já que os imaginários por trás do projeto inicial não poderiam e nem teriam como serem construídos com base num realidade que ainda necessitava ser construída e formulada com base numa evolução que só os anos trariam.

Brasília, portanto, comprovou ser (mais cedo talvez do que previam até mesmo os seus fundadores, a despeito de toda sua confiança e imaginação) esse foco da unidade nacional, esse elemento de estabilidade na confusa vida política do país, que havia sido o principal objetivo de orientar a sua construção. Em que medida, porém, ela se tornou, em termos visuais e funcionais, uma cidade de verdade? Como é morar ali? As várias críticas feitas ao projeto podem agora ser contestadas (CREASE, 1962.P. 256)

É como se pensar Brasília na época do projeto e seus imaginários fosse real e irreal ao mesmo tempo (Crease, 1962), unindo uma ideia modernista de união nacional por detrás de uma ideia e espíritos inovadores e de emancipação nacional, juntamente com a ideia de integração nacional e esperança de uma nação integrada e com anseios de esperança num futuro próximo. Eco (1968. P. 246) mesmo dizia que “Brasília deveria se tornar uma cidade de iguais, a cidade do futuro”

O Problema de se pressupor tantas coisas com base apenas num imaginário fundamentado na ideia de criação, é o risco de se originar uma cidade quem sabe sem alma,

unicamente construída por visões midiáticas ou das parcelas que decidam vincular suas ideias através de escritos e pelos meios de comunicação.

Seria assim o imaginário por trás da “Brasília modernista” criado ou modelado seguindo intenções bem definidas? Segundo Crease (1962), Lucio Costa queria que quem chegasse em Brasília tivesse a certeza de estar no coração de um grande país, vendo algo que emocionasse e fosse magnífico. Logo, as escalas são imensas o que leva a um sentimento de encolhimento frente as enormes linhas e formas visualmente lindas.

Ao se pensar a criação da cidade, movimentos e dinâmicas que possivelmente pudessem gerar conflitos e atritos no espaço geográfico local foram, ao mens no projeto, abolidas. Alguns inimigos da vida urbana segundo Crease (1962) como indústrias em locais errados, tráfego descontrolado e especulação imobiliária seriam mantidos sobre controle. A convivência ganharia forma sob os pilotis e com a mistura de pessoas de diversas partes do país, uma cultura verdadeiramente nacional seria lograda em Brasília.

O Problema residiu no fato de Brasília ter sido concebida como algo estático, imutável o que impossibilita qualquer mobilidade que é natural num espaço uno múltiplo e dinâmico, ainda mais no âmbito das cidades. Uma obra tão grande ter sido colocada de forma estática é um movimento avesso a própria história, onde o que ela seria foi renunciado antes mesmo dela existir e ser de fato algo.



Imagem 2²: Eixo Monumental de Brasília – Fonte : wikipédia, 2017

² Disponível em: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Bras%C3%ADlia#/media/File:Brasilia_aerea_eixo_monumental.jpg>
Acesso em Novembro. 2017.

2.2.2 Centro do Poder

Brasília além de ser uma cidade moderna e planejada, é a capital político administrativa do Brasil e sede dos poderes nacionais, logo outro eixo muito bem definido que se segue aos imaginários por trás da cidade na época de seu projeto eram os relacionados a questões de cunho político e relacionados ao poder Estatal.

Além de ser majestosa e vasta em suas escalas em função da praticidade urbana pretendida objetivos que permeiam uma visão de imposição de esmagamento de todo espírito urbano que seja menor que gigante não combinam com a ideia de capital centro de poder que Brasília traz consigo.



Imagem 3³: Vista aérea da praça dos 3 poderes – Fonte : wikipédia, 2017

O imaginário em torno do poder está muito vinculado a política e da mudança dessa mesma política que a cidade o centro do Brasil traria. A paisagem se constituiria de palácios, prédios e todo arranjo visual que evoque algo grandioso. Afinal um espaço amplo significa uma formalidade maior. Holanda (2010) traz que espaços grandes são locais de atividade estruturadas com caráter simbólico ainda mais em locais que são isolados da vida cotidiana.

O problema maior é se criar uma cidade com uma função administrativa tão forte, afinal, novas funções surgirão em Brasília e toda uma vida desgarrada dos aspectos exclusivamente institucionais se desenrolará. Daí que surge sua segunda artificialidade.

Brasília é ao mesmo tempo, uma capital política e um canteiro de construção. Surgiu como um canteiro de construção e continuou sendo, após a instalação, ali,

³ Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_dos_Tr%C3%AAs_Poderes > Acesso em Novembro. 2017.

dos três poderes do governo brasileiro. Brasília é, também, uma cidade “artificial” e uma grande cidade, uma capital de um país subdesenvolvido (SANTOS, 1965. p. 53)

Partindo dessa artificialidade que as novas funções são fagulhas de mudança e direcionamento da real vida urbana que a cidade terá mais pra frente. Fagulhas que se tornam labaredas de mudança dos imaginários conforme a cidade mudar e fluxos, formas, funções mudarem e a paisagem começar e se transformar num ritmo mais rápido e o espaço começar a se tornar uma categoria lugar para cada um que resida em Brasília ou tenha conhecimento dela pela própria mídia.

2.2.3 Ilha da fantasia/desigualdade

Uma terceira linha de construção de imagens e imaginários acerca de Brasília na época de sua concepção desde cedo começou a ganhar forma e foi ganhando cada vez mais espaço, foi o relacionado a imagem de ilha da fantasia. Ou seja, de cidade com oportunidades e modelo para o restante do Brasil. Com oportunidades de emprego, educação de primeira, saúde de qualidades e mobilidade ímpar.

Não podia ser diferente, afinal o próprio projeto com um plano urbanístico perfeito e uma ideia de esperança e futuro que permeavam o slogan de Brasília levavam a qualquer um criar uma imagem de Brasília como uma ilha no interior do Brasil permeada e com o passar do tempo recheada de oportunidades e o tão buscado sonho brasileiro de desenvolvimento. Um símbolo perfeito. Uma viúva do espaço perfeita.

Como dito, os símbolos buscam mobilizar e atuar através a de uma rede de significação forte construída por trás de uma imagem que junto com real, completa o imaginário que se formara.

A visão de ilha da fantasia, que só pode ser uma visão una na época do projeto, logo nos primeiros anos vai trazendo mais uma artificialidade e perdendo espaço pra uma visão contrária relacionada a desigualdades, fruto da própria forma como a cidade vai ganhando vida e organizando seu espaço internamente traz. Holanda (2010, P. 127) diz “Brasília continua forte- talvez por ser uma cidade de extremos e pelas qualidades e problemas que apresenta”



Imagem 4⁴: Diferentes cidades do DF – Fonte : Correio Braziliense, 2017

Tudo começa com o próprio plano urbanístico e projeto de Lucio costa que não previa de forma muito clara a habitação e permanência da população que veio a Brasília ajudar na construção.

Brasília, realizada pela população empobrecida de outras regiões do Brasil em busca de oportunidades na nova capital [...] a única fonte de empregos, á parte o serviço público, era a construção civil e, quando os investimentos na cidade começaram a diminuir – em razão das sucessivas crises políticas e financeiras do país a partir de meados de 1961- [...] Brasília é no presente uma cidade cara, onde apenas funcionários públicos mais graduados e empresários podem arcar com o alto custo de alugueis, alimentação e vestuário (HARDOY, 1964,P.322).

Essa população que veio ajudar na construção de Brasília, veio movida pelo sentimento de recomeço numa capital que prometia ser completamente agregadora e fazer parte do momento de mudança histórica do Brasil, em que as rédeas do futuro eram finalmente tomadas. Os imigrantes se estabeleciam em grandes quantidades o que exigia paralela a construção um certo planejamento não só para Brasília mas para o Distrito Federal.

Era preciso integrar e adaptar as necessidades aos assentamentos espontâneos que surgiam e eclodiam ao redor do centro de Brasília. Cidade livre, acampamento da vida Planalto e outros menores. Bem além dos limites pensados e planejados por Lucio Costa, a

⁴ Disponível em: <

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/11/25/interna_cidadesdf,459069/pesquisa-mostra-indices-de-desenvolvimento-humano-desiguais-entre-cidades.shtml> Acesso em Novembro. 2017.

cidade livre surgiu como um agrupamento urbano que com o tempo foi se evidenciando como algo de caráter permanente.

Conforme o número aumentava era preciso uma forma de absorção dessa camada que rumava a Brasília em busca da esperança prometida. Nesse contexto que cidades satélites foram surgindo a cerca de 30km do centro de Brasília, o que já evidencia uma segregação espacial e criação de espaços vazios. Tais cidades deveriam ser controladas para se evitar um crescimento intenso como o da cidade livre que queimava em miséria, pauperização e imprevisto.

Com a recusa de ir embora por parte dos moradores a cidade livre acabou se tornando uma cidade satélite em caráter definitivo. Portanto, logo no início a ilha da fantasia vai se tornando uma realidade para poucos e as desigualdades vão ganhando forma, a segregação social ganha força e a cidade ganha vida.

Como consequência das alterações impostas pelo plano original, já se delineia uma nova geografia social de Brasília. A diferenciação socioregional inclui: 1) Cidades – satélites como locais de moradia para as classes trabalhadoras; 2) superquadras com prédios de apartamentos, no âmbito da cidade formal, para os escalões “médios e baixos” do funcionalismo e das empresas privadas; e 3) bairros residências na beira do lago para as elite. É mais do que óbvio, portanto, que o plano “fechado” acabou sendo nesse aspecto crucial, “escancarado”. A tentativa deliberada de atenuar as diferenças da classe que foi rejeitada (SNYDER, 1964,P. 330).

Quando se avalia essa dualidade, ilha da fantasia x desigualdade ,percebe-se um reflexo de certa forma da própria sociedade brasileira ou um contraste entre arcaico e moderno. Em Brasília é perceptível através das dualidades entre plano piloto X cidades satélites, mobilidade x imobilidade, sonho x pesadelo, qualidade de vida x não acesso a vida urbana. Mais que em outras cidades.

Eco (1968) nos ensina que disposição espacial em Brasília é sim algo comunicativo e seu status é dito pelo local onde está , em que dificilmente poderá se mover. E acrescenta “Da cidade socialista que deveria ser, Brasília tornou-se a própria imagem da diferença social” (ECO, 1968, P. 248).

Como Ferro (2003) traz, o dito clima de esperança que se construía foi ameaçado e diminuído por realidades mais duras que se tornavam mais concretas. Operários se suicidavam, passavam fome, doentes e vivendo uma dualidade clara. Construindo um sonho dentro de um pesadelo. “Edifícios sem história, porque a história da produção desses edifícios desapareceu completamente” (FERRO, 2003, P. 209).

Esse é ponto inicial de todo processo de desigualdade e dualidade, como dito que acompanha Brasília até os dias atuais, uma redoma no centro ligada a esperança, ao futuro, a cidade moderna, feita para a era dos carros, inteligente e funcional e em sua volta, a constelação de cidades satélites e o entorno com violência, criminalidade, transporte péssimo, saúde precária e rotinas maçantes.

2.3 A mídia como divulgadora da Capital Federal

Partindo de tudo que foi exposto até agora, é possível começar a esboçar o centro da análise de tal projeto. Com base na história de Brasília e dos grandes eixos temáticos imaginativos com que a capital é sempre relatada é possível que se perceba alguns imaginários criados e associados a imagem simbólica Brasília na época de seu projeto.

É como se tudo que fosse transmitido e dito com relação a cidade buscasse trazer e deixar evidente um modo de vida que as vezes existisse nos devaneios mais loucos de alguns. Uma utopia de certa forma. As 4 escalas que Brasília trazia em seu plano (residencial, gregária, monumental e por fim a bucólica) eram as chaves da construção de algo novo num país como Brasil.

A mídia com toda sua busca de manifestação da vontade brasileira em algo nunca feito antes teve um papel crucial na divulgação e construção das ideias acerca de Brasília nesse primeiro momento. Toda a concepção de obra prima, ou ideia engenhosa de cidade eram vigorosamente celebradas pela mídia e por quem desejasse um projeto de cunho nacional que trouxesse ao Brasil as rédeas do próprio processo de emancipação ao passado arrastado.

E como não podia ser diferente, os imaginários coletivos eram construídos acerca da cidade, e com exceção dos avessos a tal feitio, os imaginários seguiam linhas muito claras e se encontravam estão envoltos em algumas perspectivas fundamentais. Segundo Snyder (1964) eram elas:

- Brasília como símbolo do nacionalismo (modernismo)
- A cidade como configuração urbana singular (centro de poder)
- Brasília como instrumento de desenvolvimento regional (ilha da fantasia)

Essas perspectivas eram claramente imagens cheias de abstração pessoal numa solução cheia de fantasia e utopia para uma realidade contraditória. A própria definição de imaginário como Laplatine trouxe nesse trabalho.

Na época de sua concepção inicial esses eram os aspectos que davam sentido as imagens e imaginários ou representam acerca de Brasília. Esses eram os assuntos tratados e debatidos na mídia sobre a cidade prematura que viria a ganhar vida. E é aí que os 3 tópicos trazidos nos 3 eixos temáticos constitutivos de imagem se fundem através faz formas e funções do projeto e sua significação real.

As superquadras planejadas e sua organização urbana tem eco na cidade moderna e planejada, as formas monumentais estão ligados aos aspectos envoltos na capital como centro de poder e as ocupações não planejadas se formalizam e concretizam no espaço através das desigualdades que colocam em voga a ilha da fantasia.

Com base nisso, tais imaginários eram formulados em bases muito frágeis como se Brasília tivesse algo imaturo com relação ao tempo que só no seu próprio desenrolar lhe daria vida e processo urbanos mais presentes.

Evenson (1969, p. 19)) traz um trecho que merece destaque acerca de Brasília de décadas atrás, amplamente construída através da mídia.

“ A atmosfera de irrealismo que cerca muitos aspectos de Brasil é especialmente notável em relação a Brasília, a polêmica nova capital cuja construção começou em 1956[...] Conjunto arquitetônico como um cenário envernizado e pouco funcional[...] Brasília é sobre vários aspectos um cenário, e a intenção foi exatamente essa”.

É claro que para a construção de um cenário e toda simbologia por trás, a mídia teve papel fundamental na vinculação de grande parte dos escritos e relatos de impacto que pudessem dar sustentação a façanha lograda.

E para quem diga que Brasília não tinha intenções fortes ligadas a imagens construídas com relação a si mesma, Segre (1977. P. 97 -98) traz

“Era fundamental obter imagens nítidas- diretas ou estimulantes – de fácil assimilação e memorização, que constituíssem um sistema de signos codificáveis, que influenciassem os diversos níveis culturais existentes, na sociedade e classes. Signos que não correspondessem a um sistema de elementos estritamente arquitetônicos ou constitutivos, mas que transcendessem isso, podendo ser reproduzidos em qualquer condição de tema e escala, e utilizados fora de sua denotação primária, - estrutural ou funcional-. Em conotações livremente atribuíveis

pela comunidade.[...] até folhetos publicitários para promover a venda de produtos brasileiros [...] e transmitir o significado em termos simbólicos, como uma totalidade sógnica.”

Fica evidente que existia uma intenção simbólica clara com relação a Cidade e seu projeto, não só pela vontade expressa, mas pelos objetivos por detrás de tal feito que eram evidentes ao conjunto brasileiro.

Talvez grande parte da massa brasileira não tivesse acesso aos meios de comunicações mais altos ou acerca de congressos e cúpulas decisórias do alto escalão, mas tinha acesso de alguma forma a pelo menos uma parte da “ideia- Brasília” que se construía.

Pode-se dizer que isso era suficiente para que seu imaginário fosse trabalhado em função do visual e das sensações possibilitadas pela mídia, pois como dito, os imaginários ganham forma em algo externo as imagens criada sobre uma determinada cidade é fruto de experiências visuais, sejam elas, fotografias, televisão, vídeos e etc.

CAPÍTULO 3: A BREVE TENTATIVA DE CONSTRUÇÃO/ DESCONSTRUÇÃO DE IMAGENS E IMAGINÁRIOS

Com base em tudo que foi exposto até agora, seja em relação a teoria aqui trazida ou ao apanhado geral sobre Brasília, pode se começar a tentar uma breve tentativa se construir ou desconstruir imaginários que permeiam ou permearam a cidade em si.

Essa dualidade de imaginários sejam eles no passado ou no presente, se fazem necessários para que possíveis contrapontos possam ser feitos, ou até mesmo possíveis análises que levem em consideração as diferenças entre esses quase 58 anos de existência material da cidade de Brasília.

Hoje, a cidade ganhou vida, e tem seus imaginários construídos não com base em no que poderá vir a ser, mas no que de fato é, no que as pessoas vivenciam e em como a mídia relata e traz para todos que tenham acesso uma Brasília visual, repleta de apelo simbólico e construção subjetiva com base em representações visuais.

Já é claro hoje a força que os meio midiáticos têm, muito mais que há 60 anos atrás, de moldar aspectos culturais, sociais e questões políticas. A televisão e a internet hoje, através de toda sua forma de acesso a aspectos visuais dos mais diversos têm força na definição de imaginários sobre os temas mais diversos. O representamem que cada um traz acerca de objetos ou lugares reais, é construído de forma quase direta pelo visual. Logo, a televisão tem um impacto considerável em imagens subjetivas pessoais.

Ao se falar sobre Brasília, e toda vinculação que a mídia traz hoje acerca da cidade alguns rótulos ou estereótipos ganham contornos nítidos e vão além dos eixos temáticos bem definidos na época de seu projeto, se não forem antagônicos a alguns deles.

A questão da cidade moderna e planejada se faz presente pelo próprio fato de Brasília ser sim uma cidade moderna e planejada. Esse aspecto é intrínseco a própria cidade, porém ele abre lugar hoje pro embate sobre qual funcional a cidade é, qual planejada ela é um função de ser prática a todos os quase 3 milhões que compõem o Distrito federal.

A imagem de centro de poder hoje, está muito mais ligado a corrupção e mazelas do que a qualquer outro aspecto grandioso de monumentalidade e atemporalidade modernista que do espírito passado que pairava sobre a cidade,

A imagem de ilha da fantasia perde força, para a tremenda quantidade de descaso que fazem da cidade hoje um lócus foco de desigualdade e segregação de uma forma diretamente antagônica ao nacionalismo brasileiro na capital da esperança de antigamente.

Esses são os grandes temas trazidos pela mídia, e são os grandes temas que perfazem os imaginários dos mais diversos estratos que se buscou analisar.

Mais do que citar e se afirmar que os imaginários mudaram, para essa parte final deste trabalho se fez necessária além de um resgate teórico, uma busca de forma concreta e material de tais imaginários. Como trata se de algo mais subjetivo, a própria fala pessoal dos envolvidos na pesquisa, foi a forma mais objetiva de se alcançar tais resultados.

80 questionários foram aplicados para 80 pessoas diferentes dos grupos e extratos mais diversos, o que caracteriza uma dedução com base num amostra bem colhida e de grande objetividade a níveis de pesquisa.

Os 80 questionários foram aplicados em 4 estratos diferentes. Sendo que cada estrato teve o total de 20 participantes. E quais estratos seriam esses? Moradores do plano piloto, das regiões administrativas, do entorno e por fim, turistas nacionais, os quais seriam pessoas que estavam já no máximo 2 meses em Brasília, ou seja, transitando de forma rápida e sem intenção de ficar na cidade.

É interessante deixar claro que a busca das perguntas realizadas nos questionários (que foram iguais para todos os participantes) bem como o objetivo final, era obter material que pudesse direcionar possíveis imagens e pontos convergentes e divergentes que estão envoltos no imaginário geral a cidade de Brasília em si, como cidade e categoria de análise. No total, 13 perguntas foram realizadas.

A primeira pergunta era sobre o tempo de morada em Brasília, ou se era turista vindo de outro estado. Isso possibilitou é claro uma classificação e posterior seleção dos participantes. Com exceção dos turistas que já tinham tempo certo pre definido, o tempo de morada variou entre 3 até 55 anos. A primeira pergunta fornece consistência a pesquisa ao trazer pessoas de idades tão diversas, que corrobora para uma visão macro mais distinta, o que da credibilidade a imagens e pontos em comum em suas falas.

A segunda pergunta já era uma tentativa de saber logo de cara qual imagem os participantes tinham de Brasília. Eles foram questionados sobre qual imagem construída representava Brasília. Essa pergunta se faz interessante, porque logo de cara é possível saber o que vem mais forte da mente quando se é pensado acerca da cidade em si. A imagem é uma elucidação clara e objetiva do que a cidade é para os participantes. As respostas transitaram desde monumentos e coisas físicas até aspectos perceptíveis da cidade bem como relações mais subjetivas.

As respostas de forma geral foram:

- Arquitetura
- Congresso
- Vida tranquila
- Palácio do planalto
- Catedral
- Oportunidades profissionais
- Cidade grande com cara de interior
- Esplanada
- Mix de culturas
- Cidade agradável
- Lugar fantasia
- Cidade turística
- Cidade Planejada
- Cidade pluralista
- Cidade feliz
- Minha casa
- Cidade organizada
- Cidade política
- Avião
- Cidade moderna
- Cidade ampla
- Ipês
- Segregação social
- Traçado urbano uniforme e padronizado
- Céu
- áreas verdes
- parque da Cidade
- Singularidade urbana
- Setorização

- Cidade tranquila
- Serviço público
- Arborização

Na terceira pergunta os entrevistados eram solicitados a citar 3 lugares ou imagens que representavam a cidade, além da imagem que tinham descrito na segunda questão. Mais de 80% das respostas foram monumentos da arquitetura feita em Brasília dispersos pelo Plano Piloto como Catedral, Congresso, ponte JK, Memorial JK, esplanada, torre de TV, Igrejinha e Museu nacional. Pouco mais de 10% das respostas estavam relacionadas a arquitetura, urbanismo e modernismo. As respostas restantes versavam sobre lago Paranoá, o céu de Brasília e relacionadas a categorias como esperança, corrupção, planejamento e qualidade de vida.

Na quarta pergunta cada entrevistado era perguntado o motivo que tinha levado ele a pensar naquelas coisas ou ter aquelas imagens em sua cabeça com relação a Brasília.

Das 20 respostas dos Turistas Nacionais, 60% responderam de pronto vinculação midiática, mídia, televisão. Dos 40% restantes estavam relacionados a ícones arquitetônicos, símbolos da cidade ou funções que a cidade desempenhava e a relação com esses locais.

Com 60 respostas dos moradores de Brasília em seus diferentes lócus e do entorno, com exceção de respostas mais pontuais, grande parte delas se concentraram em alguns eixos mais bem definidos.

- Mídia
- Emoções suscitadas
- Apelo visual, ícones e símbolos
- Funções da cidade
- Arquitetura
- Coisas que só existem em Brasília.

Juntando as 6 eixos bem definidos, 3 deles estão diretamente interligados. Mídia, apelo visual e emoções. Essa tríade é um interesse enorme da semiótica, que trata nesse caso do próprio objeto real, que seria a arquitetura e as coisas que existem em Brasília. Por fim, as

funções da cidade são apenas 1/6 da parcela de representatividade nos eixos temáticos o que nos reforça a mídia como construtora dos imaginários atuais.

Na quinta pergunta foram questionados sobre algo positivo que Brasília possuía em sua área urbana.

- Beleza
- Planejamento / Organização
- Espaços verdes/ Arborização
- Superquadras
- Parque da cidade
- CCBB
- Mobilidade/ Sensação de amplitude e ruas largas
- Mistura cultural e pontos turísticos
- Lago
- A lógica urbana e superquadras e praticidade cartesiana.
- Qualidade de vida e tranquilidade

Sendo que de todas as respostas, a sensação de amplitude, a arborização, o planejamento, e a lógica urbana foram os que mais aparecem dentre as respostas. Dentre os moradores do plano piloto a arborização foi a resposta mais obtida, Os moradores do entorno e entorno citaram mais os pontos turísticos. E os turistas foram quase unânimes em dizer o planejamento/organização e a arborização incrível e a simetria e sensação de amplitude visual que Brasília proporciona.

Já na sexta pergunta algo negativo sobre a cidade era o ponto em questão. As respostas se concentraram em 4 tópicos principais

- Corrupção e a política em si
- Crescimento sem planejamento
- As longas distâncias
- Transporte e saúde de precários

Seguindo com as entrevistas, duas perguntas foram pensadas exclusivamente para os turistas nacionais. A primeira das duas perguntas busca obter uma visão clara as imagens de Brasília antes de um acesso em lócus indo a cidade , ou seja, através da mídia e dos meio de acesso a Cidade, com excesso da própria presença. A segunda busca perceber aspectos que eram pensados a priori que foram reforçados ao se chegar e vivenciar a cidade. Isso permite uma possível conexão ou paralelo com a imagem midiática e a realidade local. Afinal como dito, através da experiência que se torna possível ter capacidade de ser internalizado dentro de uma realidade e assim viver essa realidade, criar significados, ter conceitos confrontados, visões reforçadas, noções melhores apuradas e podemos nos posicionar frente a essa mesma realidade, sempre criando e ressignificando emoções.

Logo, ter uma noção de lugar transformada e a subjetivação por trás é capaz de construir imaginários claros.

A sétima pergunta, voltada para os turistas nacionais, busca captar qual a concepção ou imagem antes de residir ou conhecer a cidade. Reunidas em grandes blocos elas se distribuem assim:

- Cidade grande, Cidade onde tudo funcionava perfeitamente, cidade linda, cidade com qualidade de vida boa;
- Cidade em que o serviço público era forte, Cidade que respirava consciência política;
- Cidade onde só existia a esplanada e cidade plana;
- Cidade organizada a estruturada, limpa e muito funcional, cidade modelo para locomoção;
- Cidade sem grandes problemas;
- Cidade parada, pacata e sem vida, metrópole com cara de cidade do interior, morta e sem vida, que todos queriam ir embora.

Essa pergunta traz uma importância especial por ser uma forma de conseguir extrair dos turistas sua visão acerca de Brasília, antes de estar em locus, ou seja, antes de ter tido uma experiência real na cidade. Com isso, a imagem que tinham construída era construída com bases nos meios de acesso a essa cidade, que grande parte das vezes , com exceção de alguma leitura feita sobre, é construída através de acessos visuais é imersões midiáticas.

Isso leva a crer, partindo do pressuposto de que a mídia influencia a construção do imaginário e conjunto de imagens sobre Brasília, que é possível saber quais são de fato esses imaginários vinculados a mídia.

Já na oitava pergunta são perguntados sobre o que foi reforçado depois de vivenciar a cidade

- Cidade para carros, distâncias são imensas,
- Mundo sujo da política é latente
- Pouco potencial turístico aproveitado
- Que a seca é suportável, mas é algo bem presente
- Forte mistura de culturas
- As pessoas são frias
- Violência existe
- Vida segue um padrão diferente sem cotidiano
- Visualmente leve e linda
- Que não é exemplo pro resto do Brasil
- Cidade sem graça
- Cidade linda e funcional
- Cidade socialmente segregadora
- Cidade ligada a status
- Cidade importante nacionalmente

Importante salientar que do conjunto de respostas obtidos sobre imagens construídas após um tempo em Brasília, as distâncias imensas, a beleza da arquitetura e urbanismo, a frieza das pessoas e falta de cotidiano são pontos que merecem destaque dentre as respostas.

Na nona questão os entrevistados precisam citar algo que lhes cause estranhamento em Brasília, afinal tantos turistas e moradores sejam de onde forem, vão sempre achar que algo lhe causa uma sensação de estranhamento a algo que pensava, imaginava, é acostumado a ter em seu cotidiano ou acreditava ser presente em Brasília. Dentre as respostas podemos classificar:

- Popularização da música sertaneja
- Complicação para as artes
- Dependência extrema do carro
- Desigualdade social
- Distância extrema
- Falta de cotidiano
- Dificuldade de construir grupos relacionais mais perenes
- Crescimento desenfreado do entorno
- Cidades satélites serem cidades e bairros e terem menos importância que o centro.
- Corrupção
- Preconceito regional
- Falta de vida nas ruas
- Dificuldades de transporte e saúde
- Frieza, indiferença e superficialidade das pessoas
- Funcionamento das tesourinhas
- Falta de planejamento nas RAS.
- Vazios urbanos
- Setorização
- Locomoção de pedestres, ciclistas e qualquer um que não tenha carro.
- Falta de convivência urbana
- Alienação com relação ao resto do Brasil.

A décima pergunta é interessante porque traz a visão que cada um acredita que Brasília tem a nível nacional e internacionalmente. Quando se avalia as respostas a nível nacional 11 são as categorias de respostas.

- Congresso
- Cidade Política
- Sede de poder
- Administração nacional

- Planejamento
- Arquitetura
- Corrupção
- Esplanada
- Catedral
- Ilha da fantasia
- Avião

Sendo que dentre todas essas, corrupção, congresso e cidade política são as respostas que mais se repetem, e dentre elas, corrupção é imagem mais vinculada a cidade nacionalmente.

Quando se avalia as repostam a nível internacional 9 categorias de respostas são perceptíveis.

- Capital do Brasil
- Política
- Patrimônio cultural da humanidade
- Arquitetura
- Planejamento
- Modernismo
- Corrupção
- Congresso
- Catedral

A pergunta seguinte de número 11 era uma pergunta binária simples, sobre o conhecimento do Plano Piloto de Brasília. Das 80 pessoas entrevistadas, 67,5% se diziam ter conhecimento do Plano e os outros 32,5% diziam não ter conhecimento ou ter lido o Plano.

Posteriormente na décima segunda pergunta se foi perguntado se a cidade atual de Brasília era a mesma dos anos 50 e se não fosse, quais as diferenças. 93% dos entrevistados disseram que NÃO. A cidade não é a mesma que foi projetada. Os 7% restantes disseram não saber ou ter conhecimento sobre, porem absolutamente ninguém afirmou que a cidade é a mesma do projeto dos anos 50.

Por fim, a última pergunta do questionário, de número 13 os entrevistados foram questionados e instigados a trazerem algum elemento físico, cultural, simbólico, histórico ou de qualquer ordem que não tenha sido pensado do projeto inicial e que hoje seja identificado na cidade, afinal, esse é um aspecto fundamental da busca de uma concretização do imaginário atual e o peso da vivência e a vida cotidiana imprimindo funções e fluxos no espaço que projeto nenhum poderia prever de forma prematura.

Essa pergunta em questão trouxe certa dificuldade em respostas rápidas e grandes partes dos entrevistados se encontraram pensativos de forma mais analítica. Contudo a análise de tais respostas será feita mais a frente de forma separada.

3.1 Sujeitos diferentes e suas abstrações imaginativas

A importância de se entrevistar estratos tão diversos é conseguir obter imagens construídas sobre histórias de vida das mais particulares e colhidas com base em construções subjetivas das mais diversas. Pessoas que mantêm relações distintas com o espaço e constroem imagens pessoais acerca da forma como esse espaço é.

Este trabalho busca além dos objetivos expostos, uma compreensão dos imaginários gerais e coletivos que se relacionam a Brasília como uma categoria analítica em si. A correlação do conjunto de respostas permite uma visão mais agregadora e macro do que de fato esses imaginários representam e sobre quais bases são construídos.

Com base nas entrevistas e nas análises das respostas é perceptível que os imaginários hoje seguem eixos diferentes do que se foi pensado na época do projeto. Eles mudaram não em função de uma mudança natural que o tempo traz consigo quando remonta a paisagem e traz mais funções para o espaço, mas em função da própria cidade ter ganhando vida ao longo do tempo.

É interessante que se perceba que mesmo se partindo de pontos diferentes, algumas imagens têm paralelo umas com as outras, seja qual for o estrato que se analise. Hoje, Brasília sem dúvida é uma cidade importante a nível nacional e reconhecida internacionalmente por sua beleza e urbanismo singular. A própria forma como a cidade foi pensada, projetada, executada e teve sua história traçada, leva a uma forma minimamente diferente a evolução urbana de Brasília. Imagens se sobrepõem a outras, algumas mudam de forma, outra se extinguem para dar lugar a outras.

Segre (1977) é categórico em dizer que Brasília e seu espetáculo cenográfico é um de seus atributos mais evidentes. Logo, é clara como a questão visual é um fato que está ligado

as imagens construídas com relação a cidade. Isso se faz presente nas imagens que se mostram integradas em eixos bem definidos seja qual for a parcela da população que relate. Pontos turísticos, arquitetura monumentos, céu, apelo visual e a corrupção são pontos que se fazem bem presentes em grane parte das respostas dos entrevistados, logo, não seria lógico aspectos visuais estarem de forma tão ampla nas respostas? Isso corrobora uma real influência visual e midiática com relação a Brasília e seu arranjo urbano ao mesmo na parte central

Seria talvez precoce dizer, mas nos arriscamos a afirmar que aspectos culturais ou ligados ao estilo de vida no centro, se perde para tamanha força e apelo visual da própria cidade. Esse aspecto sim, vai de encontro a muitos imaginários e permeiam a grande gama de visões acerca da Cidade.

Longe das visões ligadas a ilha da fantasia que Brasília se associa, uma realidade mais crua ganha espaço e é perceptível a real vida que pulsa em todo Distrito Federal. Os pontos turísticos e todos os grandes monumentos são pontos que merecem destaque e estão presentes nos pontos em comum dentre as respostas. Não poderia ser diferente devido a tamanha influência que visualmente eles têm no imaginário coletivo de Brasília.

Monumentos, arquitetura e toda funcionalidade de Brasília não passam despercebidos. Eles incorporam e ganham espaço nos imaginários acompanhado de vários aspectos inerentes a eles como beleza visual, leveza de formas, organização e etc.

3.2 Brasília e suas imagens integradas sob o mesmo eixo.

Com base nas respostas obtidas nas entrevistas é possível perceber tendências, pontos em comum, e traçar paralelos no conjunto rico de imagens que os moradores e turistas forneceram. Isso é de vital importância para um conhecimento do imaginário geral sobre Brasília em sua dimensão coletiva hoje em dia.

Quando se analisa a segunda questão “*Qual é a imagem construída que representaria Brasília?*” fica perceptível o conjunto de imagens bem formadas sobre a cidade que vão desde aspectos físicos a aspectos emocionais e subjetivos. Do conjunto de respostas obtidas pode se perceber uma quantidade grande de repostas relacionadas aos grandes pontos turísticos e aos monumentos do centro de Brasília bem como o conjunta da esplanada dos ministérios.

Além disso, fica clara as associações aos aspectos funcionais, espaciais e visuais da arquitetura e urbanismo realizados aqui. Arquitetura, avião, cidade planejada, cidade moderna, arborização, singularidade urbana e setorização são mais que evidentes de como esses aspectos estão claramente presentes no conjunto de imagens dos mais diversos grupos.

Por fim, aspectos mais emocionais são trazidos no conjunto das respostas e pode se perceber claramente uma subjetivação do espaço enorme. O conceito geográfico de lugar ganha contorno nítido aqui e respostas como: Céu, mix de cultas, oportunidades, ipês, segregação social, serviço público e cidade turística trazem uma aproximação a mais com Brasília e rompem com a artificialidade passada a permitir uma imagem tão forte da cidade ligada a coisas tão subjetivas.

Dentre todas as respostas obtidas é claro que algumas se repetem de forma muito clara. Catedral, Congresso, céu, esplanada e avião foram as respostas que mais foram ditas pelos entrevistados. Isso traz de forma preliminar uma certa associação de Brasília por aspectos que são mais visuais, icônicos ou de certa forma tidos como símbolos da cidade, o que corrobora uma associação a influência da mídia.

Na terceira pergunta “ *Quando falamos em Brasília, cite três lugares/ imagens que representam a cidade, além da imagem da 1ª questão.*” fica possível perceber mais um conjunto de associações feitas a cidade de forma direta. Fica claro o peso visual que os monumentos têm a todos que responderam, o que leva a entender que o imaginário está repleto de aspectos visuais, aspectos ou ícones que são em sua totalidade os vinculados a mídia e aos assuntos em torno de Brasília mais uma vez.

Já na pergunta seguinte: “Qual é a razão ou as razões que levam a se lembrar destas imagens” se faz importante a compreensão de que grande parte das respostas estavam vinculados de forma direta a uma relação simbiótica entre todos os eixos definidos. Mídia, emoção, símbolos, arquitetura, aspectos e funções de Brasília reunidos num grande movimento de percepção por parte dos moradores, o que une vivência e apelo visual as imagens diretamente construídas nesse imaginário coletivo.

É interessante que as respostas na quinta pergunta sobre coisas positivas que Brasília tem, vão desde aspectos culturais, as funções e lógicas urbanas como aspectos mais ligados a conforto e beleza.

Na sexta pergunta quanto solicitados a trazer aspectos negativos sobre Brasília ficam perceptíveis os grandes gargalos que o conjunto urbano em Brasília e as cidades satélites trazem. Das respostas, corrupção foi o mais respondido por grande parte dos estratos, e

corrupção é algo claramente presente na mídia de todos os tipos. Mesmo quem não é de Brasília associa corrupção a cidade em si, sem se lembrar que os políticos que estão na cidade vem de todas as partes do Brasil.

Isso é algo perceptível e extremamente contrário ao velho imaginário de união nacional, política sem vícios e progresso que a flor do cerrado traria ao Brasil. Essa pergunta deixa clara como a corrupção está presente no imaginário coletivo de Brasília e em como hoje isso é completamente diferente dos símbolos passados que Brasília carregava.

Além desses, outras respostas merecem destaque por terem aparecido no conjunto de imagens negativas. A cidade não ser acessível a ciclistas de forma viável, dispersão e gentrificação no centro, clima seco, setorização exagerada são pontos levantados pelos turistas.

Moradores do Plano Piloto trazem também a desigualdade, prostituição da w3, falta de estacionamento, marginalização do pedestre e a tendência a desconexão com restante do Brasil.

Moradores das regiões administrativas, citam frieza e superficialidade dos brasilienses, a falta de cotidiano, custo de vida e a exclusão urbana como aspectos negativos.

Já o entorno traz em seu rol de respostas, violência latente, hostilidade da estrutura ampla do centro, criminalidade, segregação social bem como os espaços vazios, que possivelmente percorrem entre o Plano piloto e suas residências.

Ao se analisar as respostas pontuais dos moradores das RAS e do entorno percebemos a desigualdade ganhar forma através de pontos negativos mais latentes do que uma simples organização urbana como trazem os turistas e moradores do plano piloto. A ilha da fantasia afunda aqui, e a maturidade de Brasília se apresenta espacialmente através de demandas e solicitações diferentes em função da organização e adaptação urbana ao crescimento da cidade, que por si só, já é algo negativo para grande parte dos entrevistados.

Reunidos em grandes blocos na sétima pergunta “*Qual era a sua concepção de Brasília antes de residir/ conhecer a cidade?*” conseguimos perceber que acredita-se que Brasília é uma cidade modelo onde tudo funciona e segue exemplo modelo para outras cidades. Uma cidade em que o serviço público e a burocracia é forte o que leva as pessoas apesar de viverem com corrupção, terem consciência política formada.

Por conta dessa burocratização exacerbada e consciência política, Brasília, no imaginário dos turistas, era limpa, organizada, funcional e resumida a esplanada dos ministérios. Isso traz uma visão paralela de falta de vida, fluxos maiores e uma áurea de cidade grande com cara de metrópole e vida pacata.

É interessante que tal imaginário até poderia se compreensível se estivéssemos tratando apenas do centro de Brasília, o que leva a crer que as imagens são construídas com base no que é visto de fato e vinculado as mídias digitais. Afinal, acesso à Brasília por outro meio traria um aspecto mais global do Distrito federal em conjunto.

Já na oitava pergunta “ *O que pensa hoje depois de vir a Cidade?*” pergunta em questão é interessante pois traz consigo respostas que levam a uma compreensão do que de fato eles pensam após vir a Cidade, o que além de ajudar na construção do imaginário acerca da cidade, ajuda numa compreensão da própria forma como eles percebem a cidade. E tal percepção traz elementos acerca da forma fria dos brasilienses serem, da beleza da arquitetura, das distâncias imensas, beleza da arquitetura e urbanismo é singular além de achar sem cotidiano.

Isso pode estar relacionado muitas vezes as próprias escalas que a cidade assume em seu projeto urbanístico que era voltado a escalas monumentais e grandiosas, o que eleva tamanhos, distâncias, traz a cidade a ser vista como uma cidade para carros, além de diminuir a possibilidade do pedestre viver a cidade em si, Brasília segue um padrão de vida mais fechado em suas unidades de vizinhança o que causa sensação de falta e vida urbana, algo menos evidente nas cidades Satélites e no entorno, onde a vida apesar de seguir um padrão parecido, tem uma lógica mais fluida com relação a vida na cidade em si.

As respostas da nona questão “*Cite algo que lhe causou/ou causa sentimento de “estranhamento” em Brasília.*” se agrupam em grandes eixos: Falta de vida urbana, vida a parte do restante do Brasil, crescimento que traz sensação de estranhamento, distâncias grandes e cidades satélites com pouca importância apesar do peso cultural que elas trazem consigo.

Na décima questão “*Qual imagem de Brasília você acredita ser a mais forte no contexto nacional? E no contexto internacional?*” As respostas seguem tendências e dentre as respostas, as relacionadas a arquitetura, corrupção e modernismo são as respostas que mais se repetem, dentre elas, arquitetura é a mais vinculada a imagem internacional de Brasília. Como dito Das 80 pessoas entrevistadas, 67,5% se diziam ter conhecimento do Plano e os outros 32,5% diziam não ter conhecimento ou ter lido o Plano.

Na décima segunda questão “*A cidade atual é a mesma que foi projetada nos anos 50? Qual a diferença ou quais as diferenças?*” dentre os que responderam que a cidade tinha mudado, a maioria esmagadora relacionou a mudança ao crescimento populacional, ao crescimento da cidade a falta de planejamento de crescimento urbano e marginalização

resultante. Quase todos que não sabiam responder eram turistas e dentre esse grupo, as respostas de que a população cresceu e referências a cidades satélites eram quase absolutas.

Alguns foram além e disseram que as escalas iniciais foram modificadas e a mobilidade se tornou um problema a marginalização se tornou algo natural. Aspectos cotidianos mudaram a temporalidade da construção, e assim ela cresceu trazendo uma identidade que só tempo poderia trazer. Com isso, a cidade hoje se movimenta mais e se torna mais popular e viva e interessante. Houve quem dissesse que a utopia inicial se perdeu no processo de maturação que Brasília sofreu.

3.3 Imagens lançadas a segundo plano.

Com nas respostas obtidas na pergunta de número 13, é possível se perceber algumas imagens que não fazem parte do imaginário geral acerca de Brasília e seu conjunto de imagens coletivas de forma recorrente, mas merecem destaque por terem sido mencionados.

Quando solicitados a mencionar um elemento fora do projeto inicial de Brasília que identifica na cidade atual, é perceptível que esses elementos vieram juntos com a maturação da cidade. E por mais que não sejam elementos presentes no imaginário mais forte, eles podem ser trabalhados por essa mesma mídia para que Brasília se expanda culturalmente e talvez sua imagem de cidade artificial e sem vida seja cada vez menos vista.

Ir além do óbvio, do sempre visualmente disponível, do repetitivo em sua recorrência é compreender outros lados e outras facetas urbanas inerentes a vida pulsante que Brasília traz.

Ao elencar esses elementos fica perceptível a própria compreensão de algo que Brasília só pôde deixar aflorar com o tempo e que hoje é na cara da cidade e faz parte de uma noção identitária urbana maior.

Por mais que alguns pontos sejam trazidos e estejam presentes desde o projeto, uma compreensão deles como algo fora do projeto, traz uma suposição de algo que ao menos por parte de quem respondeu, hoje aflorou na realidade brasiliense.

Essas noções podem ser aumentadas e a consciência espacial melhorada, caso o GDF vincule tais aspectos a verdadeiras cultas brasilienses, mais que uma simples fusão de culturas como o projeto inicial trazia no reconhecimento nacional.

Ir além e perceber o que de fato a cidade traz, fora do seu projeto inicial, é conseguir uma leve fuga do apelo visual e entender a dinâmica cultural que lateja por trás da vida real que a cidade maturou e desenvolveu.

A integração da cultura Brasiliense assim como uma integração entre plano piloto e cidades satélites, é algo resultado do processo de transformação do espaço que acumula usos e funções para transformas a paisagem e criar cotidianos, isso é um ponto a ser valorado e uma imagem possivelmente lançada a segundo plano que merece destaque.

Relação dos Brasilienses com os Ipês o céu, é algo tão bonito como o pôr do sol visto da ermida Dom Bosco. As ligações visuais poderiam ir além e trabalhar essa tão bonita forma de associação de Brasília com uma imagem criada.

Torre digital é tida como algo novo na realidade Brasiliense, mas apresenta uma ligação forte mesmo que ainda deixada a segundo plano. Os novos bairros como sudoeste, noroeste, e a própria expansão urbana já são aspectos que os próprios brasilienses percebem como algo fora do projeto que incorpora sua realidade atual.

Valorização das 400, nas Asa Sul e Norte são aspectos, segundo os entrevistados, não intencionais no projeto inicial assim como o metrô que hoje funciona como elo forte de ligação de uma parte da cidade com o centro pulsante do DF. O metrô liga braços urbanos a um coração cravejado no centro da cidade. As 400 do Plano Piloto unem alto padrão de vida a estudantes da UnB num mix de percepções.

Mudança de função e algumas áreas é um aspecto que se faz presente hoje juntamente com novos monumentos que através de usos não tão engessados, trazem aspectos culturais junto com seus usos e reconfiguram a tão velha visão presa a política. Isso se faz presente no próprio estádio nacional que apesar de grande monumento pulsa vida cultural dentro de si.

Ainda existem aspectos culinários, mesmo que incipientes, materializados nas pizzas da madrugada ou na melhor pizza da Cidade. Molho de tomate, pizza Dom Bosco e os foodtrucks são pontos de interação urbana que se espalham pela cidade ao longo do dia e da noite.

Efervescência cultural da torre de TV e sua feirinha anexa é algo valorável no quesito cultural dentro de Brasília. Assim como hoje a influência das áreas circundas ao Lago Paranoá e sua enorme influência de comercio e vivência urbana, mesmo que grande parte das vezes restrito a uma parcela da população com um poder aquisitivo maior.

Indo além em direção as cidade satélite, os moradores trazem aspectos fora do projeto inicial, sendo reconhecidos dentro de suas próprias cidades e reafirmam o peso que as RAS têm hoje dentro do Distrito Federal e na troca cultural com Brasília. Taguacenter e Feira dos goianos são cetros comerciais importantes. Assim como as feiras locais nas cidades satélites.

É perceptível que vários aspectos não pensados no projeto inicial de Brasília se façam presentes hoje. O centro ainda se encontra engessado numa redoma de vidro imutável que a temporalidade de sua construção traz consigo. Porém o Distrito federal como um todo

consegue trazer mais vida e cotidiano para um projeto que apesar de lindo, é visto ao menos visualmente por grande parte dos entrevistados como algo sem vida e sem cotidiano. Isso talvez possa ser uma forma de se lograr uma percepção do espaço através da categoria lugar mais evidente. Fora do Centro a vida pulsa sem estar presa a formas e funções arquitetônicas.

Esses pontos ajudam a perceber o tamanho do potencial cultural que Brasília pode trabalhar caso uma vinculação midiática diferente busque mostrar mais que Brasília e a esplanada, mas mostre o DF como um todo e toda sua rica explosão cultural que pode ser ainda maior. Por mais que o centro não mude e saia de sua redoma por ser patrimônio cultural da humanidade tombado pelo Iphan, as cidades satélites ganham mais atenção e mais singularidade.

Isso é claro, é ir além do visual apenas focado na esplanada e sua beleza que merece ser mostrada. Claro que se propor isso, é ousar direcionar uma vinculação que fuja de uma apreensão visual ligada a pontos turísticos, o que acredita-se ser algo não muito usual quando se vinculam midiaticamente cidades. Acredita-se ao menos pontualmente dar mais voz as RAS.

Segawa (2001) nos traz que apesar da paisagem do plano piloto parecer imutável e rígida, a cidade move constantemente reformulando a paisagem ao redor desse mesmo plano Piloto. E a borbulha cultural das cidades satélites constrói uma imagem urbana da capital. Uma construção que poderia ser maior, caso a vinculação midiática fosse além da esplanada, corrupção e aspectos políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há quem diga que Brasília é única, que sua história e toda sua singularidade urbana encanta a todos que venham a ter contato com ela e que seus projeto e forma de ser concebida instiga debates e análises por qualquer um que ouça falar sobre ela.

Hoje, mais que isso, Brasília é uma cidade real, com fluxos, formas, processos muito além do que se foi pensado um dia. Ela consegue construir em tornos de si um apanhado de escritos que enriquecem cada vez mais tudo que se pensa sobre essa joia no cerrado Brasileiro.

É perceptível que por mais hoje a cidade consiga instigar debates dos mais diversos em torno de si, sobre se crescimento urbano, sua relação com o entorno, a corrupção latente, ou o modernismo e sua urbanidade política, o aspecto visual é algo que assusta pela forma icônica, simbólica e forte que se impõe.

Por mais que alguém nunca tenha visitado a cidade em si, quando questionado sobre qualquer coisa com relação a Brasília, s sempre tem algo a dizer ou ao menos um norte sobre algum aspecto relacionado a Cidade.

Partindo desse pressuposto essa parte final do projeto, busca deixar no ar, com base no que foi exposto, possíveis caminhos para trabalhos futuros, possíveis linhas de análise com relação a eixos temáticos tão bem definidos, e possíveis enriquecimentos teóricos para um objeto de estudo tão teorizado.

Mais que afirmar que os imaginários de Brasília mudaram e são bem influenciados pela mídia hoje em alguns de seus aspectos, se faz necessária um aprofundamento em tais categorias e dinâmicas urbanas. Isso é claro, não só por Geógrafos e Urbanistas, mas por uma vasta gama de profissionais que busquem se aventurar na busca de conhecimento sobre realidade.

Mais que se prender a um levantamento acerca das imagens que Brasília constrói no coletivo Brasileiro, é preciso se compreenda a dinâmica urbana que se desenrola por trás. Não é aceitável hoje que um objeto de análise tão rico para os geógrafos fique apenas delimitado ao rótulo de cidade moderna, centro de poder, ou ilha da fantasia brasileira, como costumava ser, ou ligado a corrupção, monumentos, falta de vida e expansão e crescimento urbanos incessantes e perturbadores. É preciso dar a vida que muitos dizem Brasília não ter.

É preciso dar voz as cidades satélites na produção cultural que a mídia vincula a cidade, é preciso criar projetos que deem conta de trazer a Brasília idealizada para a realidade

e não deixar que a visão ou imagem de cidade modelo exista apenas no imaginários de quem não conhece a Cidade. Um dia Brasília uniu um propósito nacional. Não é aceitável que se esqueça a importância que a cidade tem além de suas funções e beleza.

Sonho , esperança e futuro. É hora de se voltar novamente para tais palavras e se analisar a realidade brasileira uma vez mais. Brasília agora não tem que ser o marco de um processo de emancipação nacional com base da unidade e reconhecimento de uma arquitetura monumental.

Ela precisa ser de fato a expressão da própria unidade nacional, que é capaz de colocar a cidade da linha de debate de questões políticas mais sérias, e criar uma consciência política verdadeira de um país que consiga ir além da corrupção gritante que hoje enjaula Brasília de qualquer vinculação midiática que vá além do aspecto visual dos monumentos e na vida política nefasta.

Que esse trabalho ajude a uma compreensão do que de fato a mídia ajuda a construir quando falamos sobre Brasília e potenciais possam ser explorados e pontos negativos percebidos. Que Brasília seja o que ela nasceu pra ser: A capital da esperança e do futuro como realidade e não símbolo...palavras tão desacreditadas hoje na realidade Brasileira. E como diz Hardoy (1964. P. 324) uma capital não pode ser tratada apenas como símbolo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E ELETRÔNICA

- AMSTEL, FREDERICK VAN. **Afinal o que é semiótica.** <http://www.usabilidoido.com.br/afinal_o_que_e_semiotica.html> 2017.
- BARATA, MARIO. **Ponto de vista de um Brasileiro.** Zodiac, N.6, Milão, Maio 1960, PP. 136-39.
- BENSE, MAX. **Inteligência Brasileira-** Brasília. Trechos de inteligência brasileira – uma reflexão cartesiana [1965]. São Paulo: Cosac naify, 2009. Tradução : terció redondo.
- BRAGA, ROBERTO; CARVALHO, POMPEU FIGUEIREDO DE. Cidade: Espaço da Cidadania. In: GIOMETTI, Analúcia B.R e BRAGA, Roberto (orgs). **Pedagogia Cidadã; Cadernos de formação: Ensino de Geografia.** São Paulo: UNESP – PROPP, 2004, pp 105 a 120.
- CARDOZO, JOAQUIM. **Forma estática – forma estética.** Módulo, N.10, Rio de Janeiro, AGO. 1958, PP. 3-6.
- CARLOS, ANA FANI ALESSANDRI. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Labur, 2007.
- CAVALCANTI, LAURO. **Brasília: A construção de um exemplo.** In moderno e brasileiro – A história de uma nova linguagem na arquitetura. (1930-1960), Rio de Janeiro: Zahar, 2006. PP. 207-23.
- CLARK DAVID. **Introdução a Geografia Urbana.** São Paulo: Difel, 1985. 17-35.
- CORBISIER, ROLAND. **Brasília e o desenvolvimento nacional.** Trecho do artigo homônimo, Módulo, N18, Rio de Janeiro, Jun, 1960, PP.3-9/ IN Brasília e o desenvolvimento nacional, Rio de Janeiro: Instituto superior de estudos brasileiros, 1960.
- CREASE, DAVID. **Progresso em Brasília.** The architectural review. N. 782, Londres, ABR. 1962, PP. 256-62. Tradução: Claudio Alves Marcondes.
- ECO, UMBERTO. **Os códigos Externos – O exemplo de Brasília.** Trecho do capítulo “La Funzione e il signo”. IN La struttura assente. Milão: Bompiani, 1968, PP. 246- 49. Tradução: Maurício Santana Dias.
- EVENSON, NORMA. **O simbolismo de Brasília.** Landscape – magazine of human geography, N.1, V. 18, Amherst (MA), Inverno 1969, PP. 19-28. Tradução: Iara Biderman.
- FERRO, SÉRGIO. **Brasília, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.** Entrevista a Geraldo Motta Filho, Guilherme Wisnik e Pedro Fiori Arantes. IN Guilherme Wisnik (Org.) O risco- Lúcio Costa e a Utopia Moderna. Rio de Janeiro: Bang bang filmes produções, 2003, PP. 208-22.

FREYRE, GILBERTO. **Brasília – pros e contras**. The repórter, N.7, v.22, nova York, 31/03/1960, PP. 31-32/ “GILBERTO FREYRE FALA DE BRASÍLIA”. Visão, São Paulo, 08/04/1960, PP.32-35

GASPAR, JORGE. **O retorno da paisagem á geografia**. Apontamentos místicos. Finisterra, XXXVI, 72, 2001 pp. 83-99.

GIEDION SIGFRIED. Forma urbana e fundação de Brasília. Bauen+ Wohnen, N.8, suíça, AGO. 1960, PP. 291-96. Tradução: Tercio Redondo.

HARDOY, JORGE E. **Dois novas cidades- capitais: Brasilia e Islamabad** Ekistics, N.108, Atenas, NOV. 1964, PP. 320-25. Tradução Iara Biderman.

HOLANDA, FREDERICO DE. **Além do maniqueísmo**. In Eduard Rodriguez Villaescusa e Cibele Vieira Figueira (Orgs.). Brasília 1956-2006 – De la fundacion de uma ciudad capital de la ciudad, Barcelona; Milenio, 2006, PP. 127-73/ Brasília – Cidade Moderna, Cidade eterna. Brasília: ED. UNB, 2010.

HOLFORD, WILLIAM. **Reflexões sobre o concurso**. O jornal, Rio de Janeiro, 19/03/1957

LAPLATINE, FRANÇOIS; TRINDADE, LIANA. **O que é imaginário**. Brasiliense, 1997. 1-30.

MAIA, FRANCISCO PRESTES. **MUDANCISTAS E FIQUISTAS**. Brasil- arquitetura contemporânea, N. 10, Rio de janeiro, 1957, PP. 10-13

MALRAUS, ANDRÉ. **Brasília, capital da esperança**. Discurso proferido em Brasília pelo ministro de assuntos culturais da França, 25/08/1959.

MORAES, ANTÔNIO CARLOS ROBERT. **O sentido formativo da geografia**. <www.iea.usp.br/iea/online/midiateca/educação>. 2008

MORAVIA, ALBERTO. **Brasília Barroca**. Corriere della sera, Milão, 28/08/1960. Tradução: Maurício Santana Dias.

NERVI, PIER LUIGI. **Crítica das estruturas**. Casabella, N.223, milão, JAN.1959, PP.54-56. Tradução Eugênio Vinci De Moraes.

PAVIANI, ALDO. **Brasília, capital (ainda) Polinucleada**. Texto elaborado a partir de artigos “vazios urbanos – Terra para preservar ou para especular?” e “próteses urbanas em Brasília”. Minha cidade, ano 9, abr. e Jun, 2009, www.vitrivius.com.br.

PEDROSA, MÁRIO. **Reflexões em torno da nova capital**. Brasil- arquitetura contemporânea, N.10, Rio de janeiro, 1957, pp. 32-35/ IN DOS murais de Portinari aos espaços de Brasília, São Paulo: perspectivas, 1981, PP. 303-16.

- RIBEIRO, EMILIO SOARES. **Estudos semióticos**. Issn1980-4016 semestral, volume 6, nº 1,2010, pp.46-53.
- SANTOS, MILTON. **Brasília e o subdesenvolvimento Brasileiro**. IN A cidade nos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1965, PP. 53-68.
- SANTOS, MILTON. **Metamorfose do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo, 1988.
- SEGAWA, HUGO. **O crepúsculo da fase heroica**. Trecho original de “after the miracle – Brazilian architecture 1960-2000, IN Edward Sullivan (Org), Brazil Body & soul. Nova York: Guggenheim, 2001, PP. 558-69.
- SEGRE, ROBERTO. A persistência dos símbolos. IN Las estructuras ambientales de américa latina. México: Siglo veiteuno, 1977, PP. 96-105. Tradução: Gênese andrade.
- SNYDER, DAVID E. **Outras perspectivas sobre Brasília**. Ekistics, N.108, Atenas, Nov. 1964, PP. 328-30. Tradução: Claudio Alves Marcondes.
- YI FU TUAN. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. Difel, São Paulo, 1983.

APÊNDICE

Entrevistas a serem aplicadas.

80 entrevistas

- 20 moradores do Entorno
- 20 moradores de regiões administrativas
- 20 moradores do Plano Piloto
- 20 turistas nacionais

Questões:

- 1) Há quanto reside em Brasília? Ou é turista?
- 2) Qual é a imagem construída que representaria Brasília?
- 3) Quando falamos em Brasília, cite três lugares/ imagens que representam a cidade, além da imagem da 1ª questão.
- 4) Qual é a razão ou as razões que levam a se lembrar destas imagens?
- 5) O que a cidade de Brasília (Plano Piloto) tem em sua área urbana que você considera como algo bom?
- 6) O que considera como uma imagem negativa da cidade?
- 7) Qual era a sua concepção de Brasília antes de residir/ conhecer a cidade? (Não se aplica a moradores que nasceram na cidade).
- 8) O que pensa hoje depois de vir a Cidade?
- 9) Cite algo que lhe causou/ou causa sentimento de “estranhamento” em Brasília.
- 10) Qual imagem de Brasília você acredita ser a mais forte no contexto nacional? E no contexto internacional?
- 11) Você conhece o projeto do Plano Piloto de Brasília? () sim ou () não
- 12) A cidade atual é a mesma que foi projetada nos anos 50? Qual a diferença ou quais as diferenças?
- 13) Há algum elemento fora do projeto inicial de Brasília que você identifica na cidade atual?

